

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES (CCHLA)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS
NÍVEL MESTRADO**

Camila Maria Gomes Pinheiro

**A PRESENÇA DA CULTURA POPULAR EM TRÊS GRANDES EVENTOS NA
CIDADE DE JOÃO PESSOA: FENART, SÃO JOÃO E FESTA DAS NEVES EM 2010**

**João Pessoa
2011**

CAMILA MARIA GOMES PINHEIRO

**A PRESENÇA DA CULTURA POPULAR EM TRÊS GRANDES EVENTOS NA
CIDADE DE JOÃO PESSOA: FENART, SÃO JOÃO E FESTA DAS NEVES EM 2010**

Dissertação de Mestrado apresentada
como requisito parcial para a obtenção
do grau de Mestre em Sociologia ao
Programa de Pós-Graduação em
Sociologia da Universidade Federal da
Paraíba, sob a orientação da prof. Dr.
Marcos Ayala.

João Pessoa
2011

FICHA CATALOGRÁFICA

Tamanho da ficha: 12,5 cm x 7,5 cm

Tamanho da fonte: 10

A ficha é impressa no verso da folha de rosto

P654p Pinheiro, Camila Maria Gomes.

A presença da cultura popular em três grandes eventos na cidade de João Pessoa: FENART, São João e Festa das Neves em 2010 / Camila Maria Gomes Pinheiro.-- João Pessoa, 2011.

98f. : il.

Orientador: Marcos Ayala

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA

1. Cultura popular. 2. Ambiguidades - valorização da cultura. 3. Grupos populares - desigualdades. 4. Diferença.

UFPB/BC

CDU: 398.53(043)

Responsável pela catalogação: Maria de Fátima dos Santos Alves – CRB-15/149

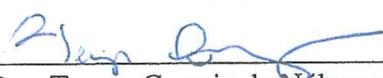
**A Presença da cultura popular em três grandes eventos na cidade de João Pessoa:
Fenart, São João e Festa das Neves em 2010**

Camila Maria Gomes Pinheiro

Aprovado em _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.. Dr. Marcos Ayala (PPGS-UFPB)
Orientador



Prof. Dra. Tereza Correia da Nóbrega Queiroz (PPGS-UFPB)
Examinador



Prof.^a. Dra. Silvana Nascimento (PPGG-UFPB)
Examinadora externa

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a todos os grupos de cultura popular que participam das festas e eventos em João Pessoa. Esta pesquisa foi sendo construída graças à colaboração de todos vocês.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Jurandy e Maria Auxilidora, que estão sempre ao meu lado me proporcionando tudo de bom na vida.

Ao meu companheiro, Mayk Andreele, que com toda a sua paciência e amor estava sempre presente nas reflexões deste trabalho.

Aos meus irmãos, Saulo, Sara e Suany, que me ajudaram na divisão das tarefas de casa e que sempre me proporcionam boas risadas.

Ao meu preto, protetor e companheiro: Benjamin.

Ao professor Marcos Ayala, orientador deste trabalho.

Às professoras que compõem a banca examinadora: Tereza Queiroz e Silvana Nascimento, pelos comentários construtivos na qualificação deste trabalho.

Aos mestres Mané Baixinho, Mestre João-do-boi, Mestre Pirralhinho que são de grande importância neste trabalho.

Aos amigos da turma de mestrado que me proporcionaram boas conversas e discussões pós-aula de teoria: Juliana minha parceira, Pedro (Natal), Rafael, Ivana e Pedro (DJ).

Aos amigos da boemia que também contribuíram nas conversas e discussões nos bares da vida: Ricardo, Jana, George, Clarianne, Átila, Neném, Paulo, Arthur, Rafael.

Às minhas amigas do peito: Marcinha, Sandrinha, Nathalya, Isadora, Akene, Marina e Noemi.

A Tarcísio que com toda sua sinceridade, espiritualidade, seriedade e sua visão crítica da vida me ensinou a enxergar outras formas de viver saudavelmente. A Galego Gladson, o oposto de Tarcísio, que pode me proporcionar viver o outro lado: o lúdico.

Aos amigos da capoeira que nos momento de descontração fizeram parte no meu aprendizado no jogo, na dança, na luta, na música e no ensinamento proporcionados pela arte da capoeira: Dé, Revanche, Tijolo, Leão, Borboleta, Marrom, Xaropinho, Pereira, Ametista, Relâmpago, Curumin, Aurora, Peninha, Pé Preto, Vava, Marco Aurélio, prof. Marivan, prof. Barata, e outros tantos que não caberiam aqui.

Ao poeta Nascimento e à Dona Fátima, meu sogrinho e minha sogrinha.

Em especial ao mestre Naldinho e a Tina, pessoas muito especiais e que possibilitaram que a pesquisa desenvolvesse da melhor forma, facilitando o acesso às informações e me recebendo com muito carinho. Muito obrigada mesmo!

*Mestre João Grande
No bairro do oitizeiro
Foi um mestre cirandeiro
E um grande professor
Foi quem me ensinou
Fazer ciranda e a cantar
A cultura popular
Agora ta com seu valor*

LISTA DE FIGURAS

FOTO 01- Mestre Naldinho e Tina no C.P.C (Centro Popular de Cultura).....	81
FOTO 02- Mestre Mané Baixinho numa vivência do ENECOM(Encontro Nacional de estudantes de comunicação).....	81
FOTO 03- Improvisando no C.P.C.: Mestre Mane Baixinho, Mestre Naldinho e Tina...	82
FOTO 04- Tocando no C.P.C.: Mestre Mane Baixinho, Mestre Naldinho e Tina.....	82
FOTO 05- Mestre Naldinho levando s estudantes para conhecer a Casa do Mestre João-do-boi, localizada no Bairro dos Novais.....	83
FOTO 06-Mestre Naldinho(à esquerda), Mestre Cirilo(à direita) e Mestre João.....	83
FOTO 07- Tina, Mestre Naldinho, Mestre Cirilo e Mestre João na casa do Mestre João.....	84
FOTO 08- Tina, Mestre Naldinho, Mestre Cirilo e Mestre João na casa do Mestre João.....	84
FOTO 09- Tina, ensinando os passos do Cavalo Marinho.....	85
FOTO 10-Tina brincando o Boi na casa do Mestre João.....	85
FOTO 11-Tocadores do grupo Ciranda-do-Sol, no São João, dia 18.06.2010.....	86
FOTO 12- Cirandeiros e Mestre Mané Baixinho. São João dia 18.06.2010.....	86
FOTO 13- Roda da Ciranda do Sol.....	87
FOTO 14- Mestre Mane Baixinho informando à produção que o microfone falhou.....	87
FOTO 15- Água fornecida aos tocadores.....	88
FOTO 16- Espaço para as apresentações da cultura popular. Praça Dom Adauto, dia 18.06.2010.....	88
FOTO 17- Grades colocadas ao redor do palco da cultura popular. Festa de São João dia 25.06.2010.....	89
FOTO 18- Espaço com um pequeno número de pessoas para assistir à apresentação do Mestre Pirralhinho.....	89
FOTO 19- Dia 25.06.2010, lançamento do Cd de música do Cavalo Marinho e do Boi-de-Reis do Bairro dos Novais, PB.....	90
FOTO 20- Mestre Pirralhinho no São João, dia 25.06.2010.....	90
FOTO 21- Camila (pesquisadora) e Tina, após a apresentação do Boi-de-Reis Estrela do Norte.....	91

FOTO 22- Na falta de Camarim o Grupo Cavalo Marinho Infantil do Mestre João-do-boi, arrumando as crianças atrás do palco. Dia 27.06.2010.....	91
FOTO 23- Público (lado esquerdo) esperando começar a apresentação do Cavalo Marinho Infantil. Dia 27.06.2010.....	92
FOTO 24- Dia 27.06.2010, público (lado direito).....	92
FOTO 25-Cavalos Marinho Infantil do Mestre João-do-boi. Dia 27.06.2010.....	93
FOTO 26- Tina falando sobre o CD do Cavalo Marinho Infantil do Mestre João-do-boi. Dia 27.06.2010.....	93
FOTO 27- Tocadores do Grupo Ciranda do Sol na Festa das Neves, dia 31.07.2010.....	94
FOTO 28- Cirandeiras e Mestre Mané Baixinho fazem a grande roda na Festa das Neves. Dia 31.07.2010.....	94
FOTO 29- Público assistindo a ciranda do Sol.....	95
FOTO 30- Interação entre grupo e Público, Festa das Neves, dia 27.06.2010.....	95
FOTO 31- Camila (pesquisadora) e Dorinha (cirandeira), Festa das Neves, dia 31.07.2010.....	96
FOTO 32- Espaço para apresentação da cultura popular. Dia 31.07.2010, grupo Cavalos Marinho do Mestre João-do-boi.....	96
FOTO 33- Participação de Tina e do Mestre Naldinho na apresentação do Cavalos Marinho.....	97
FOTO 34- Palco dos Cantadores. Dia 31.06.2010.....	97
FOTO 35- Mestre João informando a seqüência da apresentação, pois faltaram os seus tocadores.....	98
FOTO 36- Mestre João Brincando o Cavalos Marinho.....	98

RESUMO

O presente trabalho pretende abordar a participação da cultura popular nas festas e eventos na cidade de João Pessoa no ano de 2010, como o FENART, a Festa das Neves e o São João. A partir da pesquisa de campo foi possível visualizar como esses grupos se encaixam na programação cultural da cidade. O tratamento diferenciado possibilitou enxergar ambiguidades na valorização da cultura. Os três eventos apresentaram formas diferentes de incluir a cultura popular. No FENART houve um tratamento desigual e desrespeitoso com os grupos populares, tendo em vista a dimensão do evento. Almejou-se atender um determinado tipo de público. O São João separou os palcos, e colocou os horários diferentes, além de ter dado maior visibilidade às quadrilhas. Na Festa das Neves houve uma mudança que melhorou a participação da cultura popular, centralizou a festa em um único espaço e alternando os horários. A pesquisa é feita a partir da fala dos mestres.

Palavras-chave: cultura popular- ambiguidades- desigualdades- diferença.

ABSTRACT

This study addresses the participation of popular culture at festivals and events in the city of Joao Pessoa in 2010, as FENART, the party of the Snows and St. John. From the field research was possible to see how these groups fit cultural programming in the city. The different treatment to see possible ambiguities in the enhancement of culture. The three events were to include different forms of popular culture. In FENART there was an unequal treatment and disrespectful to the popular groups, in view of the size of the event. Longed to meet a certain type of audience. The St. John separated the stage, and put the different times, and has given greater visibility to the gangs. On the Feast of the Snow was a change that improved the participation of popular culture, the festival focused on a single space and switching times. The survey is conducted from the speech of teachers.

Keywords: popular-culture-inequalities-difference ambiguities.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1: REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA DE CAMPO.....	17
1.1 Primeiro encontro com a cultura popular.....	17
1.2 Entrada no campo: olhando, ouvindo e participando.....	19
1.3 Dialogando com os interlocutores.....	21
1.4 Dificuldades enfrentadas na pesquisa.....	23
1.5 Diário de campo: aproximação dos grupos.....	27
1.6 A importância da oralidade.....	28
CAPÍTULO 2: FENART: DIVERSIDADE OU DESIGUALDADE?.....	31
2.1 Apresentando o FENART.....	31
2.2 Ambiguidades na cultura: inclui ao mesmo tempo que exclui.....	33
2.3 Quem vai para o FENART?.....	37
2.4 De frente com o problema.....	40
2.5 Encarando a desigualdade no FENART.....	46
CAPÍTULO 3: CULTURA POPULAR NO SÃO JOÃO E NA FESTA DAS NEVES: DA EXCLUSÃO À INCLUSÃO.....	53
3.1 A Festa de São João na capital.....	53
3.1.1 Tempos diferentes e Espaços separados: Cultura Popular no São João.....	55
3.1.2 Palco dos Cantores e Palco dos Cantadores.....	57
3.2 Festa das Neves.....	65
3.2.1 Ocupando o mesmo lugar na Festa: Palco dos Cantadores no Ponto dos Cem Réis.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
BIBLIOGRAFIA.....	77

INTRODUÇÃO

Este trabalho representa um desdobramento do estudo feito no curso de Especialização¹ na UFPB, através da disciplina Diversidade Cultural e Multiculturalismo². O curso me proporcionou um conhecimento mais aprofundado acerca dos conceitos de Cultura e Cultura Popular, o que despertou o interesse em aprender mais sobre o tema em questão, sobre as brincadeiras e as atividades culturais da cidade de João Pessoa.

Outra forma de contato com a cultura popular foi através da capoeira. No começo do ano de 2008 comecei a praticar capoeira no grupo ABADÁ³ e esse envolvimento com esta arte me proporcionou uma vontade em querer conhecer outros universos da cultura como a ciranda, o batuque, o samba de roda, o coco de roda, o cavalo marinho e Boi de Reis⁴, entre outras. E assim fui conhecendo, me aproximando e me identificando com a cultura popular, de modo que foi possível novas descobertas em relação às manifestações populares locais.

Foi através das visitas nas rodas de capoeira⁵ que conheci o mestre Naldinho⁶, e por meio deste, conheci outros mestres de cultura popular como o mestre João-do-boi, mestre Pirralhinho, mestre Mané Baixinho, mestre Zequinha, Vó mera, Penha Cirandeira e outros.

¹Especialização de Educação em Direitos Humanos, iniciada no ano de 2008, pelo núcleo de cidadania e Direitos Humanos da UFPB, e resultou no meu trabalho monográfico intitulado “*Cultura Popular e Direitos Humanos: uma análise do Centro Popular de Cultura (C.P.C.) do Bairro dos Novais*”.

²Disciplina ministrada pelo professor Dr. Marcos Ayala, orientador deste trabalho, e pela professora Dr^a Ignês Ayala. Durante a disciplina cursada foram exibidos, vídeos, documentários, foram apresentados textos teóricos com debates.

³ Associação de Apoio e Desenvolvimento da Arte da Capoeira, a sede é no Rio de Janeiro e o fundador e presidente do grupo é o Mestre Camisa.

⁴ Cavalo Marinho e Boi de Reis são as denominações encontradas na Paraíba para a brincadeira do boi.

⁵ “Venha ver Angola numa roda entre Amigos” é um projeto criado para divulgar a capoeira na cidade de João Pessoa e tem como organizadores o Prof^a Barata e o Prof^o Formiga. A roda de capoeira acontece aos domingos de quinze em quinze dias, no Busto de Tamandaré, na praia de Tambaú. O grupo tem o intuito de unir os capoeiristas da cidade para uma boa vadiação e levantar a bandeira da capoeira independente de grupos.

⁶ Inaldo Ferreira de Lima: mestre Naldinho, um dos fundadores do C.P.C. Centro Popular de Cultura e fundador do grupo Associação Cultural de Capoeira Angola Comunidade que se encontra no bairro dos Novais, além de participar da Ciranda do Sol.

O primeiro contato com o criador do grupo Associação Cultural Capoeira Angola Comunidade do Bairro dos Novais, mestre Naldinho, foi em 2008, o que facilitou a minha entrada no campo. Outra interlocutora importante foi Tina⁷ que também faz parte da capoeira, da Ciranda do Sol e já fez parte do Cavalo Marinho Infantil do mestre João-do-boi.

Na Paraíba existem vários grupos populares com seus mestres e folguedos⁸, com seus costumes e tradições, que ainda continuam fazendo as brincadeiras em suas comunidades. No entanto, vale ressaltar que a maioria dos grupos não tem visibilidade dentro do Estado.

Nesta perspectiva o meu recorte é a cidade de João Pessoa, que tem uma riqueza cultural diversificada e que, de certa forma, proporciona aos grupos de cultura popular uma “valorização” da cultura a partir da participação dos grupos nos grandes eventos realizados na capital paraibana.

O meu objetivo neste trabalho é analisar como é a participação desses grupos e como eles desenvolvem suas atividades, em três grandes eventos na cidade de João Pessoa: o FENART, o São João, e a Festa das Neves.

Nesta perspectiva, pretendo entender qual a visão dos mestres em relação à participação dos grupos populares nos eventos e como eles encaram esse processo de inclusão da cultura popular nos eventos, faço essa pesquisa embasada na fala dos próprios mestres.

A festa de São João do ano de 2009 me proporcionou uma maior visualização dos grupos do Centro Popular de Cultura (C.P.C.)⁹ e um primeiro encontro com os mestres do Bairro dos Novais. E assim foram surgindo as primeiras conversas e os primeiros vínculos. Nas conversas informais com o mestre Naldinho surgiu a necessidade de ampliar o

João Antonio do Nascimento Pereira: mestre João-do-boi, nasceu em Bayeux, em 1938. Atualmente é aposentado como funcionário da limpeza pública. Já na sua infância teve o contato com a brincadeira do cavalo marinho.

José Vicente do Nascimento: mestre Pirralhinho, filho do mestre João-do-boi. O Mestre Pirralhinho criou seu grupo, o “Boi-de-Reis Estrela do Norte, juntando ex-brincantes do Cavalo Marinho de seu pai. Mestre Mané Baixinho: Manoel Pedro das Neves, trabalha consertando relógios no centro de João Pessoa. Teve como seu mestre o grande cirandeiro, mestre João Grande.

Estes mestres citados são os que vou enfatizar durante este trabalho.

⁷ Jocilene Cunha da Silva, Tina, conheceu o mestre Naldinho em 1996, e foi quando entrou na capoeira. No ano de 2007, foi a primeira mulher a se formar professora dentro dos fundamentos da capoeira e do grupo a qual faz parte capoeira, Associação Angola Comunidade. Tina, também já fez parte do Cavalo marinho do mestre João-do-boi, e faz parte do grupo ciranda do sol do mestre Mane Baixinho, onde toca, canta e organiza.

⁸ Folguedo é sinônimo de brincadeiras, festas populares e diversão.

⁹ O C.P.C. é uma entidade não governamental, controlada pelos mestres da Ciranda, do Cavalo Marinho, da Capoeira, do Boi-de-Reis. O trabalho feito por eles incorpora a esfera da educação, da política e da economia, a força e o poder da tradição oral. O C.P.C. se transformou em referência na cidade de João Pessoa, ele passou por várias mudanças e uma delas foi ter sido transformado em um ponto de cultura, programa lançado pelo Ministério Nacional da Cultura.

conhecimento sobre a cultura popular e conhecer mais sobre os grupos de cultura do Bairro dos Novais, local onde ele reside.

Dessa forma foi que surgiu o interesse em entender como esses grupos que se encontram na periferia da capital, com a maioria de seus mestres com pouca escolaridade, conseguem sobreviver e manter seus espaços nos eventos produzidos na capital.

Como já tinha se estabelecido uma relação de amizade entre eu, o mestre Naldinho e Tina, o acesso às informações se tornou mais fácil e prazeroso, e então achei interessante direcionar a minha análise para três grupos do Bairro dos Novais: Ciranda do sol, do mestre Mané Baixinho; Cavalo Marinho Infantil do mestre João-do-boi; Boi-de-Reis Estrela do Norte, do mestre Pirralhinho.

O Bairro dos Novais é um dos bairros mais antigos da cidade e se localiza na periferia de João Pessoa. É um local que apresenta altos índices de violência, onde a maioria dos seus moradores possui baixa escolaridade e dispõe de uma renda mínima para sobrevivência. É dentro deste cenário é que se encontra a sede do C.P.C.

Nossos encontros foram rodeados de muitas conversas e a minha curiosidade em conhecer as brincadeiras¹⁰, cada vez mais ía aumentando. Eu queria entender como era a relação dos mestres com seus grupos, como eles viviam e como esses mestres conseguiam manter os grupos diante de uma realidade social desigual.

A minha presença nos eventos me fez perceber uma distinção entre o palco principal e o palco da cultura popular. Essa divisão dos palcos me fez enxergar uma distinção na cultura. Tanto o palco para os grupos, como o espaço para o público da cultura popular, foi inferior em relação aos outros, com uma divulgação diferenciada em relação às “atrações principais”, expressão utilizada pelos organizadores dos eventos.

É neste sentido que pretendo analisar a problemática em torno da distinção entre as culturas, que é abordada por autores como Marilena Chauí e Ecléa Bosi. É a partir da concepção destas autoras que fundamento a minha discussão.

Quando os teóricos denunciaram a passividade, a disfunção narcotizante (Merton), a homogeneização (Morin, Adorno) da cultura de massa, ou, mais drasticamente dito, da indústria cultural, estão supondo uma distinção que nem sempre conseguem aclarar. Distinção entre(a) uma realidade imposta de cima para baixo (dos produtores para os consumidores) e (b) uma realidade cultural estruturada a partir de relações internas no coração da sociedade. A este segundo sistema de idéias, imagens, atitudes, valores é que tradicionalmente se dá o nome de cultura popular. (BOSI, 1991, p.63)

¹⁰ Brincadeira é um termo usado pelos mestres e pelos grupos para se referir as manifestações populares.

Dentro deste contexto percebe-se que há uma ambigüidade na valorização da cultura popular. O que venho a problematizar neste trabalho é que ao mesmo tempo em que existe uma inclusão dos grupos nos eventos existe também uma exclusão na forma como esses grupos se encaixam na programação cultural dessas grandes festas. A análise sobre essa problemática será desenvolvida durante a descrição dos eventos nos capítulos II e III.

Vale ressaltar e apresentar a relação dos grupos com o palco, de modo que percebi uma energia que contagiava quem assistia, na medida em que a distância entre o público e o palco diminuía. Ou seja, quanto mais junto do público, mais interação, mais energia e mais animada ficava a festa e a apresentação dos grupos.

A partir da pesquisa de campo observei nos eventos uma forma diferenciada no tratamento da cultura popular em relação às outras formas de manifestação cultural.

A pesquisa foi se desenvolvendo a partir da leitura de textos de autores que abordassem o tema em questão, como García Canclini que amplia o debate sobre a redefinição da cultura popular e ver “as culturas das classes populares como resultado de uma apropriação desigual do capital cultural, a elaboração específica das suas condições de vida e a interação conflituosa com setores hegemônicos”(GARCIA CANCLINI, 1983, p.12).

De acordo com o autor ainda podemos caracterizar a cultura popular como uma oposição diante da cultura dominante, como o resultado da desigualdade e do conflito. O enfoque dado neste estudo é em relação à resistência da cultura popular ao modelo de cultura imposto pela cultura hegemônica. O autor caracteriza a cultura como “um tipo particular de atividade produtiva, cuja finalidade é compreender, reproduzir e transformar a estrutura social e brigar pela hegemonia” (GARCÍA CANCLINI, 1983, p.18).

As aulas oferecidas pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia, da UFPB, me deram um suporte teórico e metodológico que contribuíram direta e indiretamente na construção deste trabalho. É importante destacar que a memória e as falas dos mestres e dos integrantes dos grupos estão presentes neste estudo.

A dissertação está dividida em três capítulos e as considerações finais.

No primeiro capítulo abordo como foi a pesquisa de campo, como foi feito o meu primeiro encontro com a cultura popular e a minha aproximação dos grupos do Centro popular de cultura no Bairro dos Novais: Ciranda do sol, cavalo marinho infantil e Boi-de-Reis Estrela do Norte. Para finalizar o capítulo, destaco a importância da oralidade nesta pesquisa.

O segundo capítulo é destinado à apresentação do FENART, fazendo a análise do perfil do público que vai prestigiar o evento. Em seguida relato o meu encontro com o problema e como foi a participação dos grupos de cultura popular em especial, a Ciranda do Sol, no FENART no ano de 2010.

No terceiro capítulo achei interessante descrever e analisar as duas festas: o São João e a Festa das Neves, que são festas institucionais organizadas por órgãos públicos a partir de festas tradicionais. Primeiro faço a descrição do São João e da Festa das Neves, apontando as vantagens e desvantagens, e problematizando a separação dos palcos e enfocando a participação da cultura popular.

CAPÍTULO 1: REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA DE CAMPO

“Na chegada desta casa, levantei minha bandeira...”

1.1 O primeiro encontro com a cultura popular

A partir do meu envolvimento com a capoeira percebi uma identificação com a cultura popular, e assim busquei conhecer mais o seu universo e não me limitar apenas ao grupo do qual faço parte. Dessa forma, surgiu o interesse em conhecer e tentar entender a vida de quem faz e de quem vive da cultura e para a cultura.

Foi nas festas e eventos ano de 2009, em João Pessoa, que comecei a acompanhar os grupos de cultura popular: Ciranda do Sol, Cavalo Marinho Infantil e o Boi-de-Reis Estrela do Norte, além de ter me envolvido com o grupo de capoeira Angola Comunidade do mestre Naldinho. Todos esses grupos, do Bairro dos Novais.

O Bairro dos Novais é considerado rico em cultura, tendo em vista que é lá que moram os mestres Naldinho, da Capoeira Angola Comunidade; Mestre João-do-boi, do Cavalo Marinho infantil; Mestre Pirralhinho, do Boi-de-Reis Estrela do Norte; e alguns integrantes do grupo Ciranda do Sol, do mestre Mané Baixinho, como Tina. Neste bairro também é localizada a sede do C.P.C. (Centro Popular de Cultura), onde atualmente acontecem os ensaios do grupo Ciranda do Sol.

Outra forma de contato com a cultura popular foi a partir da presença dos grupos nos eventos. Todo ano, na cidade de João Pessoa, entre as datas de 20 a 29 de junho, é comemorada a festa Junina, que é quando se comemora a festa do Santo mais conhecido do Nordeste, São João. Foi assistindo e participando da festa que conheci alguns grupos de cultura popular com suas brincadeiras.

Depois de ter conhecido o mestre Naldinho, ainda no ano de 2009, observei a presença do mestre nos eventos da cidade. Recordo-me bem dos festejos do São João, onde o mestre estava quase todos os dias, quando não estava se apresentando, estava lá prestigiando os outros grupos.

Minha aproximação com a cultura popular foi de forma participativa, seja brincando nas rodas de ciranda, dançando o coco, jogando capoeira, assistindo o cavalo marinho e participando das apresentações dos grupos nos eventos, em especial, o São João e Festa das Neves.

A visualização dos grupos nos eventos facilita a divulgação do trabalho dos mestres, além de ser uma forma de proporcionar ao público o acesso a uma cultura que é muitas vezes silenciada, ocultada e excluída. No entanto, a questão que pretendo levantar é em relação à forma como esses grupos de cultura popular estão sendo subordinados a uma outra cultura, que atropela seus valores, sendo colocados para preencher os espaços e os tempos vagos, como aconteceu no FENART.

Nas minhas observações, percebi que nos eventos como o FENART, o São João e a Festa das Neves, que são realizados na capital, são colocados dois palcos: um palco para a atração principal e um outro palco para a cultura popular. É a partir dessa separação de palcos que percebi que também se separa o tempo para as apresentações, o horário das apresentações, a distribuição de água e lanches, os cachês, a divulgação e outros elementos e questões que serão aprofundados no próximo capítulo.

Dessa forma, foram surgindo inquietações a respeito de como a cultura popular se encontrava isolada e com um tratamento diferenciado em relação às outras formas de cultura. Quando afirmo que a cultura popular se encontrava isolada é porque percebi uma diferença em relação à cultura das classes dominantes e à cultura de massa, principalmente na forma de “valorizar” e de reconhecer os produtores da cultura popular enquanto artistas.

É de extrema importância a presença dos grupos populares em eventos de grande porte como o FENART, o São João e a Festa das Neves, pois assim é possível conhecer a cultura popular.

Em conversa informal¹¹ com o mestre Mané Baixinho e com Vó Mera, percebi que os mestres reconhecem a importância de participar do evento, quando perguntei ao mestre o que ele achava do evento, ele respondeu: “É Bom né, é bom, porque só assim a gente pode divulgar nosso trabalho e vocês podem conhecer né, é uma forma de valorizar a cultura.” (Mestre Mane Baixinho, após apresentação)

¹¹ Conversa informal com o mestre Mané Baixinho após a apresentação do grupo Ciranda do Sol, na festa de São João, no dia 18/06/10, na praça Dom Aauto.

A reflexão sobre a relação entre os grupos e o palco, o modo como a cultura popular é tratada nos eventos e a contradição na sua valorização, são questões que vão ser analisadas a partir da minha vivência nos eventos e do meu contato com os mestres, no decorrer do texto.

1.2 A entrada no campo: olhando, ouvindo e participando.

A minha entrada no campo foi muito prazerosa, os mestres me receberam muito bem, demonstrações de carinho foram bem nítidas durante a pesquisa de campo, como os abraços, os sorrisos e a confiança no meu trabalho como pesquisadora na medida em que permitiam que eu fotografasse e filmasse as apresentações.

A única exigência dos mestres era que houvesse um repasse do material colhido, mas isso eu já sabia e já entrava em acordo com eles. Mas logo quando acabaram as festas (FENART, São João e Festas das Neves) objetos dessa pesquisa, gravei dois (2) DVDs, um para o mestre Naldinho e outro para Tina, que foram os primeiros interlocutores. Para os outros mestres, como o mestre João-do-boi, o mestre Mané Baixinho e o mestre Pirralhinho, serão selecionadas as melhores fotos e estas serão impressas ao fim do trabalho, isso tudo em acordo com eles.

Os registros da cultura popular de cunho mais etnográfico em suportes audiovisuais (gravações sonoras, fotográficas, filmes e vídeos), além de informações escritas resultantes de pesquisa de campo em diferentes comunidades, têm permitido a muitos pesquisadores colaborarem, ainda que minimamente, com a construção de uma história social da cultura dos que estão à margem do processo de decisões culturais, políticas etc. (AYALA, 2009, p. 11)

O meu primeiro passo foi a observação direta nos eventos e ao mesmo tempo a criação de um diário de campo. O meu “olhar” e “ouvir” no campo estavam atentos a cada fato, “se o olhar possui uma significação específica para um cientista social, ouvir também goza dessa propriedade” (OLIVEIRA, 1998, p.21). Dessa forma foi possível filtrar informações que contribuísse para o desenvolvimento do meu trabalho.

Nesta perspectiva Roberto Cardoso de Oliveira complementa:

Evidentemente tanto o ouvir como o olhar não podem ser tomados como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação. Ambas complementam-se e servem para o pesquisador como duas muletas- que não nos percamos com essa metáfora tão negativa- que lhe permitem caminhar, ainda que

tropegamente, na estrada do conhecimento. A metáfora propositalmente utilizada, permite lembrar que a caminhada da pesquisa é sempre difícil, sujeita a muitas quedas. (OLIVEIRA, 1998, p. 21)

Outro elemento importante na observação participante é a interação entre pesquisador e interlocutor. De acordo com Roberto Cardoso de Oliveira, esta é uma questão fundamental para um bom desempenho da pesquisa de campo:

Tal interação na realização de uma etnografia, envolve, em regra, aquilo que os antropólogos chamam de “Observação participante”, o que significa dizer que o pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade, pelo menos afável, de modo a não impedir a necessária interação. (CARDOSO, 2000, p.24)

A participação ativa nos eventos foi essencial na construção dos laços de amizade e assim foi mais fácil fazer a pesquisa de campo. Posso dizer que a minha entrada no campo ocorreu de forma tranqüila, mas também, com algumas dificuldades que serão colocadas ao longo do trabalho. As conversas, as vivências, as brincadeiras, as curiosidades, a aproximação, a alegria e o silêncio, e até mesmo a indignação estão presentes neste trabalho.

De acordo com as orientações do Prof. Dr. Marcos Ayala, fui bem tranqüila a campo e com muito respeito com a cultura popular e, especialmente, com quem vive dessa e para essa cultura. Fiz da minha entrada no campo um momento de conhecimento do objeto a ser estudado e envolvimento com a pesquisa e com seus interlocutores. É neste contexto que me guiei por autores como Carlos Rodrigues Brandão, que relata:

Conviver, espreitar dentro daquele contexto o que eu chamaria o primeiro nível do sentir, sentir como é que é o lugar, como é que as pessoas são, como é que eu me deixo envolver. Isso é muito bom, porque faz com que a gente entre pela porta da frente e entre devagar. E, por outro lado, é bom também porque essa lenta entrada, eu diria essa mineira entrada, não tem aquela característica de um trabalho invasor em que as pessoas se sentem de repente visitadas por um sujeito que mal chegou ao lugar, saltou do carro e começou a aplicar um questionário. (BRANDÃO, 1983, p.14)

Foi no campo que conheci os mestres, que senti como é a relação dos mestres com a cultura popular e fui compreendendo o processo de luta dos mestres em relação à valorização da cultura popular nos eventos, e a resistência diante da situação de dominação e aos modelos impostos pela indústria cultural.

Dentro desse contexto, posso afirmar que o meu trabalho se concentra em um primeiro momento numa observação participante, posicionando-me pessoalmente nos eventos e em contato direto com os grupos e com a produção dos eventos. O estar lá, observando, proporcionou-me uma compreensão do que realmente estava acontecendo.

A minha participação nesta pesquisa também teve um outro sentido. Com relação ao envolvimento pessoal com a pesquisa, na medida em que eu entrava nas rodas de ciranda e pegava nas mãos das senhoras que brincavam na maior alegria e que me contagiavam, e então eu largava a máquina e me jogava no coco, dançando e aprendendo a responder o coro. Sem falar nas rodas de capoeira em que ao ouvir o toque do berimbau me arrepiava e sentava na roda para esperar a minha vez de jogar.

Todos esses foram momentos que me fizeram sentir a cultura popular não apenas como pesquisadora, mas como alguém que se identifica com a mesma.

1.3 Dialogando com os interlocutores: Entrevista e conversa informal

A pesquisa não foi feita somente de depoimentos orais e escritos, ou diários de campo e entrevistas. A base inicial foi feita a partir de uma orientação teórica. Pois de acordo com Ecléa Bosi:

Depoimentos colhidos, por mais ricos que sejam, não podem tomar o lugar de uma teoria totalizante que elucide estruturas e transformações econômicas, ou que explique um processo social, uma revolução política. Muito mais que qualquer outra fonte, o depoimento oral ou escrito necessita esforço de sistematização e claras coordenadas interpretativas. (BOSI, 2003, p.49)

Nesta pesquisa foi feita a pré-entrevista, ou melhor, um estudo exploratório. Esse estudo foi feito em um primeiro contato com o mestre Naldinho em uma conversa informal que possibilitou “caminhos insuspeitos para a investigação” (BOSI, 2003, p.60). De acordo com Ecléa Bosi:

A pré-entrevista, que a metodologia chama “estudo exploratório”, é essencial, não só porque ela nos ensina a fazer e a refazer o futuro roteiro da entrevista. Desse encontro prévio é que se podem extrair questões na linguagem usual do depoente, detectando temas promissores. A pré-entrevista abre caminhos insuspeitos para a investigação. (BOSI, 2003, p.60)

A entrevista, além de ser um mecanismo para a pesquisa, é também uma forma de aprendizado de ambas as partes. É uma forma de aproximação entre o narrador e o ouvinte. É um instrumento que enriquece a pesquisa, pois suas informações são retiradas de uma fonte ainda maior que é a memória dos narradores. Ecléa Bosi afirma:

Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, de um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o

narrador pelo justo orgulho, de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes. Ambos sairão transformados pela convivência, dotada de uma qualidade única de atenção. Ambos sofrem o peso de estereótipos, de uma consciência possível de classe, e precisam saber lidar com esses fatores no curso da entrevista. (BOSI, 2003, p.61)

Ainda seguindo a orientação da autora, tentei não ser muito apressada e deixei que a pesquisa fosse acontecendo de uma forma natural e tranqüila, afinal construí laços de amizades com os próprios atores, como o mestre Naldinho, pessoa que me recebeu muito bem, Tina, o mestre Mané Baixinho, com sua alegria e simpatia, mestre João-do-boi, com toda sua sinceridade e seriedade, Mestre Pirralhinho, Ester (esposa do mestre Pirralhinho) e a Vó Mera, a pessoa mais doce que conheci.

De acordo com a autora:

A entrevista ideal é aquela que permite a formação de laços de amizade; tenhamos sempre na lembrança que a relação não deveria ser efêmera. Ela envolve responsabilidade pelo outro e deve durar quanto dura uma amizade. (BOSI, 2003, p.60)

A entrevista proporciona ao entrevistado e ao ouvinte uma relação de troca de informações, conhecimento e uma cumplicidade na troca de experiências. É a partir desta relação que nascem os laços de uma amizade.

Outra forma que contribuiu para que a pesquisa se tornasse ainda mais agradável e interessante foi em um primeiro momento ter colhido algumas informações sobre os grupos, além de ir assistir aos ensaios e às apresentações. Isso facilitou muito a aproximação com os mestres e com os integrantes dos grupos.

É importante antes de fazer a entrevista, que o pesquisador tenha um conhecimento prévio do objeto de estudo. Quando o pesquisador conhece previamente o objeto a ser analisado, ele se situa no universo da pesquisa.

A partir do momento em que o narrador percebe que o ouvinte sabe do que ele está falando, ele fica mais estimulado e conta a história com mais emoção. Desta forma, é proporcionado ao narrador uma maior aproximação e o interesse em contribuir com pesquisa.

Antes do encontro com o depoente, convém recolher o máximo de informações sobre o assunto em pauta para formular questões que o estimulem a responder. Uma consulta às publicações: jornais, revistas, músicas, livros, imagens, anedotas, enfim tudo o que terá feito o narrador vibrar na época que desejamos estudar. (BOSI, 2003, p. 59)

Como na pesquisa fiz amizade com algumas pessoas que vivem a cultura popular, fiquei à vontade para confessar certas dificuldades enfrentadas durante a pesquisa.

Seguindo Ecléa Bosi: “Confessar, em dialogo aberto, nossas dificuldades ao depoente, durante cada etapa do trabalho, fará com que ele acompanhe melhor o rumo da pesquisa e muitas vezes ajude a descobrir pistas facilitadoras”. (BOSI, 2003, p.62). Recontar é sempre um ato de criação

1.4 Dificuldades enfrentadas durante a pesquisa

O olhar me proporcionou inúmeras possibilidades de ver e pensar a cultura popular, além de alertar sobre a forma de como chegar aos mestres, que encarei como uma primeira dificuldade.

Através da observação pude sentir o campo que eu estava pesquisando. Em um momento senti medo da reação dos mestres quando eu falasse que era pesquisadora. Na verdade eu já sabia que muitos dos mestres do C.P.C. (Centro Popular de Cultura) tinham uma certa desconfiança, ou como eles falam, “ tinham um pé atrás” com os pesquisadores. No vídeo “*Brincantes visionários*”¹², o depoimento de Emilson¹³, um dos fundadores do C.P.C., fala dessa desconfiança dos mestres em relação aos pesquisadores.

O mestre Pirralinho participou da reunião todinha sentado no quadro da bicicleta, muito indiferente. Isso é interessante porque reflete o grau de desconfiança dos mestres em relação aos intelectuais que só se aproximavam dos grupos de cultura popular para se locupletar, ou pra fazer projeto e ganhar dinheiro com projeto, ou pra levar pra apresentar e ganhar algum nome à custas dos mestres. (Fala de Emilson retirada do vídeo: *Brincantes Visionários*)

Neste depoimento, a reunião a que Emilson faz referência é a da criação do C.P.C.. As reuniões eram feitas no meio da rua. Mas, no meu caso, posso afirmar que a capoeira foi um instrumento de extrema importância na elaboração deste trabalho. A ajuda do mestre Naldinho e de Tina foi fundamental para intermediar a minha relação com outros mestres.

Outra dificuldade encontrada foi em relação a minha ida ao Bairro dos Novais. A questão da violência presente no bairro me fez ter medo de descer na parada de ônibus errada.

¹² Vídeo *Brincantes Visionários*, do jornalista e videasta Elinaldo Rodrigues é um documentário de 40 min. de duração. Foi patrocinado pelo Fundo Municipal de Cultura (FMC) com o apoio do Departamento de Comunicação e Turismo da UFPB. O vídeo fala do Boi de Reis, da Ciranda, do Cavalinho e do Mamulengo do Bairro dos Novais, de João Pessoa.

¹³ José Emilson Ribeiro foi um dos fundadores e presidente do Centro Popular de Cultura. Ele reside no Bairro dos Novais.

Confesso que esse medo dificultou as minhas andanças pelo bairro. Os próprios interlocutores me alertaram a respeito da violência, que é um fato na realidade do bairro e na vida de seus moradores.

Por se encontrar na periferia da capital, o problema com as drogas constitui mais uma preocupação dos moradores com suas famílias, incluindo os mestres. De acordo com Tina, moradora do Bairro dos Novais,

No bairro moram muito ex-presidiários, e então os problemas são com “acertos de contas”. Isso tem tirado a paz dos moradores, pois nos dias em que acontecem tiroteios ninguém sai nas ruas, nem as crianças vão para as escolas, nem vão para os treinos, pois as balas perdidas já atingiram muita gente inocente. (Conversa informal com Tina no Bairro dos Novais, dia 10/05/2010).

Na minha primeira visita ao bairro, fui à casa do mestre Naldinho, com uma amiga, Juliana¹⁴, que estuda comigo no mestrado e que também faz a pesquisa lá no bairro. Nós íamos de carro, e quando eu cheguei lá na rua do mestre, percebi a rua bem movimentada, com crianças brincando nas ruas, pessoas conversando e sentadas nas cadeiras ou no chão de suas calçadas, e me tranqüilizei.

No mesmo dia, na aula de capoeira infantil, conversei sobre o bairro com a mãe de dois alunos do mestre, ela estava sentada no banco esperando a aula de capoeira acabar, e falou que quando tinha tiroteio na rua não levava os meninos para fazer as aulas, pois a única solução era ficar em casa. O problema era que os meninos perdiam os treinos.

A violência presente no bairro dificultou o meu acesso, mas isso não atrapalhou o desenvolvimento da pesquisa, pois o meu foco central são as participações dos grupos nos eventos. Neste contexto, a minha presença direta nos eventos era imprescindível mas a minha ida ao bairro me proporcionou compreender e situar os interlocutores dentro de um contexto social desigual.

Quanto mais o pesquisador entra em contato com o contexto histórico preciso onde viveram seus depoentes, cotejando e cruzando informações e lembranças de várias pessoas, mais vai-se configurando a seus olhos a imagem do campo de significações já pré- formada nos depoimentos. (BOSI, 2003, p. 56)

As visitas às casas dos mestres João-do-boi e do mestre Naldinho, foram muito agradáveis para mim, e enriquecedora para a pesquisa.

¹⁴ Juliana Carmen de Britto, aluna do mestrado pelo PPGS, estuda o grupo de Associação Capoeira Angola comunidade.

Em relação à desconfiança dos mestres com os pesquisadores, observei que existem grupos de cultura popular que são mais reservados e outros também que já foram vítimas de abusos de muitos pesquisadores, ou como eles (os mestres) chamam, “predadores”.

O depoimento do mestre Pirralinho (vídeo: *Brincantes visionários*) fala a respeito de alguns pesquisadores da universidade que se apropriam da cultura popular para se promover.

Tem muita coisa aí nesse mundo de meu Deus aí que foi tirado de mim, de meu pai, de outros mestres. Chegava, levava, gravava, filmava e levava. Naquilo ali você forma um grupo. (Vídeo *Brincantes visionários*, de Elinaldo Rodrigues.)

E ainda fala em relação da sua desconfiança com os pesquisadores no depoimento seguinte, também retirado do vídeo:

E fui mesmo. Por que chegava um cara e dizia: - depois lhe dou uma fita. Depois lhe dou cachê. E aí ia embora, não aparecia mais. Agora não. Hoje mesmo surgiu aquela dança folclórica de Pedro Santos, lá no SESC. Quem ensinou a dança fui eu. Antes dele aprender aquilo tudo que sabe hoje. Quer dizer, tudo não, mas uma parte boa. Cada mês eu fazia duas, três apresentações lá no SESC. Depois foi que ele botou o grupo dele lá e eu nunca mais fui convidado para participar de coisa alguma ali. (Vídeo *Brincantes Visionários*, de Elinaldo Rodrigues; depoimento do mestre Pirralinho)

Alguns grupos parafolclóricos¹⁵ se aproveitam da ingenuidade e simplicidade dos mestres, se aproximam dos mesmos com promessas. Os mestres acreditam e esperam o retorno desses “pesquisadores” que vão até as suas casas, filmam os ensaios e as apresentações, fotografam, mas que não voltam; e o pior, lançam um novo grupo em cima do trabalho dos mestres, sem os mesmo terem o conhecimento.

Essas informações foram colhidas não apenas pelo vídeo *Brincantes visionários*, mas também na palestra¹⁶ sobre cultura popular, durante o Fenart, onde os mestres colocaram no debate essa “esperteza” vinda por parte dos “predadores”¹⁷.

A vontade de aprender, para essas pessoas, significa aprender para criar um grupo e ganhar status dentro de determinado setor da sociedade. Na medida em que se cria um novo grupo de cultura popular, de acordo com Arantes:

¹⁵ Grupos que encenam o popular, realizando apresentações estilizadas principalmente para turistas.

¹⁶ Palestra sobre cultura popular: *antropologia e caminhos*. Debatedores: Noaldo Ribeiro, sociólogo-PB; Paulo Henrique Albuquerque – integrante do Maracatu Piaba de Ouro, do Mestre Salú, e do cavalo Marinho do Boi pintado, do Mestre Grimario-PE; Helder Vasconcelos – ator/músico/dançarino – um dos criadores do grupo musical Mestre Ambrosio (PE). Mediadora: Michele Vasconcelos de Brito – pedagoga, historiadora e secretária de Cultura de Pedras de Fogo. Esta palestra aconteceu no dia 25/05/10, quarta –feira, das 14h às 17h, no auditório verde.

¹⁷ Termo referido aos pesquisadores pelos mestres que estavam presentes na palestra sobre cultura popular no FENART.

É impossível deixar de agregar novos significados e conotações ao que se tenta reconstituir (...). Procurando-se “reproduzir” objetos no tempo e no espaço, acaba-se por “produzir” versões modificadas, no mais das vezes esquemáticas, estereotipadas e, sobretudo, inverossímeis (aos olhos dos produtores originais) dos eventos culturais com os quais se pretende constituir o patrimônio de todos. (ARANTES, 1981, p. 19)

A tradição oral e a transmissão do conhecimento que os mestres tanto preservam não têm o mesmo valor quando esses grupos se apropriam da cultura popular. Em João Pessoa observei alguns grupos parafolclóricos e percebi que uma das características desses grupos é um embranquecimento na cultura popular.

Observei algumas apresentações de um grupo parafolclórico da UFPB¹⁸ que é formado por estudantes universitários. A maioria dos integrantes se encontram na classe média da sociedade e se apresentam como verdadeiros produtores de cultura popular, quando na realidade se apropriam e faz dessa cultura uma espetacularização. De acordo com Arantes “O resultado de procedimentos dessa natureza, entretanto, é o de “higienizar” esses eventos, ocultando os seus aspectos de pobreza, o seu caráter tosco e, aos olhos de muitos, grosseiro.” (ARANTES, 1981, p. 20)

De acordo com os depoimentos dos mestres, as formas como esses grupos se apropriam da cultura popular é de uma falta de respeito e consideração a sua cultura. Além do mais, esses mesmos grupos parafolclóricos ocupam os espaços que deveriam ser ocupados pelos mestres.

A produção empresarial da arte “popular”, qualquer que seja a orientação ideológica e política de seus responsáveis retira-lhe duas dimensões sociais fundamentais. Alterando a data, local de apresentação e a própria organização do grupo artístico, ela transforma em produto terminal, evento isolado ou coisa, aquilo que em seu contexto de ocorrência, é o ponto culminante de um processo que parta de um grupo social e a ele retorna, sendo indissociável da vida desse grupo. (ARANTES, 1981, p.20)

E assim, devido a esses pesquisadores que se apropriam da cultura popular que muitos mestres ficam desconfiados e até com receio de confiar no trabalho do pesquisador.

É por isso que desenvolvo a pesquisa com a participação direta dos membros dos grupos, baseada nas falas e nos silêncios, com o interesse em fortalecer os laços de amizade entre o pesquisador e o pesquisado. Neste sentido tenho a preocupação em repassar algo para

¹⁸ Gupo Imburana de danças populares.

eles e contribuir de alguma forma com a divulgação da cultura popular tendo com a figura central os próprios mestres.

1.5 Diário de campo: aproximação dos grupos do Bairro dos Novais

Outro mecanismo utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa foi o diário de campo. É um instrumento fundamental para fazer as análises dos eventos. Foi necessário um relato para cada dia de apresentação dos grupos nos eventos. O uso das falas e dos termos dos interlocutores, sem alteração, é essencial na elaboração do diário de campo. Além de que, a partir dele foi possível observar e apontar os erros e acertos na organização de eventos, como o FENART, o São João e a Festa das Neves.

A observação é um método que contribui muito na elaboração do diário de campo. Nesta fase da pesquisa, observei o público, conversei tanto com os organizadores dos eventos como com os integrantes dos grupos de cultura popular que se preparavam para a apresentação. Dessa forma, foi nascendo um vínculo afetivo com algumas pessoas dos grupos, o que facilitou ainda mais a preparação do diário de campo.

A partir do momento em que fui desenvolvendo a escrita, escrevendo os fatos ocorridos, foram surgindo vários problemas, dúvidas, curiosidades e o interesse cada vez maior em problematizar certas dificuldades que vão aparecendo na medida em que o trabalho se desenvolve.

Pude observar a presença da espontaneidade nas pausas e nas falas de alguns mestres ou membros dos grupos de cultura popular. Eles sentem a pergunta com outra intensidade, diferente de algumas outras pessoas quando vão contar uma história ou responder a questionários ou a entrevistas que já têm uma resposta pronta para as questões feitas pelo pesquisador.

Mas, se nós quisermos aproximar da esfera que resiste ao formato social, registremos atentos as hesitações e silêncios do narrador. Os lapsos e incertezas das testemunhas são o selo da autenticidade. Narrativas seguras e unilaterais correm sempre o perigo de deslizar para esteriótipo. (BOSI, 2003, p. 63-64)

Percebi também que as respostas dos mestres são sempre bem diretas e rápidas. Percebi isso em um primeiro momento que tive com o mestre João-do-boi, do Cavalo Marinho Infantil do bairro dos Novais.

Nesta pesquisa pude observar que na fala dos mestres ou integrantes dos grupos de cultura popular existem momentos em que a fala é composta por pausas, e até mesmo silêncios que podem expressar sentimentos diversos.

Em uma conversa entre Eu, Tina e o mestre Naldinho, enquanto estávamos sentados no banco na praça Dom Adauto, falando a respeito do Mestre João-do-boi. Durante a conversa senti que a fala de Tina estava repleta de sentimentos, e não só a fala, mas os olhos e no tom de voz. Isso me fez perceber o que a autora Eclea Bosi afirma: “A fala emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproximam da verdade. Aprendemos a amar esse discurso tateante, suas pausas, suas franjas com fios perdidos quase irreparáveis.” (BOSI, 2003, p. 65).

Tina fazia parte do Cavalo Marinho, do mestre João, era mestranda do cavalo marinho infantil e o mestre João-do-boi, em depoimento no vídeo “*Brincantes visionários*”, declarou que se ele morresse, ela assumiria o grupo. Mas, por motivos contrários aos seus e aos do mestre (ela acredita), Tina precisou pedir o afastamento do grupo.

Na nossa conversa, ela me falou da experiência dela no Cavalo Marinho, mas percebi que enquanto ela contava a história os seus olhos enchiam de lágrimas e a voz ia ficando mais baixa, e logo vinha um silêncio. Ela disse que não gostava de falar de certos assuntos que ela se emocionava, principalmente em relação ao mestre João-do-boi, que para ela era o mestre dela para sempre, mesmo se ele não quisesse. Ela falou isso e deu uma risadinha.

Os silêncios estão sempre presentes nas falas de quem vive a cultura popular. É uma cultura de resistência, mesmo com suas vozes, por vezes, ocultadas: “Não há, afirma com razão Vovelle, métodos fáceis para reconstruir uma cultura popular: ela é uma historia tecida de silêncios, uma vez que pertenceu sempre às classes dominadas.” (VOVELLE apud BOSI, 2003, p.64)

1.6 A Importância da oralidade

Os grupos de cultura popular que serão abordados nesta pesquisa se encontram nas camadas subalternas da sociedade, com a maioria dos seus integrantes com baixa renda e com baixo índice de escolaridade. Seus praticantes são considerados destituídos de cultura e educação. Esses grupos não têm espaço nas instituições formais e suas apresentações nos eventos de grande porte são limitadas pelo espaço da indústria cultural.

Por se enquadrarem na baixa camada da sociedade, muitas vezes suas vozes são silenciadas e a sua cultura desrespeitada pelas pessoas que organizam os eventos e se auto denominam como “produtores da cultura popular”.

É importante reconhecer que essas pessoas que são responsáveis por coordenar, produzir e organizar o tempo e o espaço dos grupos de cultura nos eventos se submetem as outras exigências da organização geral. Recebem ordens que vem de superiores. A questão que pretendo levantar é que quando aparece algum problema, sacrifica-se logo o tempo, o espaço, o horário, enfim a apresentação da cultura popular.

Deste modo, a pirâmide hierárquica está formada. Enquanto a cultura popular se encontra na base e sem nenhuma valorização, a indústria cultural, com sua cultura de massa, é localizada no topo da pirâmide, esmagando os valores e o tempo dos que estão na base. Tomemos como exemplo o FENART, que será analisado no próximo capítulo.

É a partir das vozes e dos silêncios dos grupos de cultura popular que esta pesquisa se fundamenta. A oralidade se faz presente nesta pesquisa na medida em que há a participação dos interlocutores, nas entrevistas e nas conversas informais, tendo como fonte dessa, a memória dos mestres e dos integrantes dos grupos.

É importante destacar a presença da tradição oral nos grupos em estudo. A sabedoria vai sendo construída a partir de uma experiência de vida, onde estão presentes elementos como o tempo e a memória dos mestres. Dessa forma a tradição oral vai se perpetuando entre as gerações. E. P. Thompson assinala que: “as tradições se perpetuam em grande parte, mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares” (THOMPSON, 1998, p.10). De acordo com o autor, a transmissão de técnicas particulares como a culinária, tarefas caseiras, agrícolas, entre outras, são passadas de geração para geração e decorrem das experiências sociais e da sabedoria comum de toda uma coletividade.

É neste sentido que os depoimentos orais são fundamentais nesta pesquisa. Os interlocutores são reconhecidos como sujeito da história, pois são as pessoas fazem o lugar. Deste modo, partilhamos da perspectiva de autores como Paul Thompson, que ressalta: “A história oral [...] pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras” (THOMPSON. 1992, p.22). Dessa forma, a sabedoria oral assenta-se em palavras que vinculam o ser e sua terra, contando sua vida como conta a própria ciência do lugar.

O diálogo informal também será uma importante ferramenta no decorrer da pesquisa, pois é uma forma de aproximar a relação entre o “*entrevistador-entrevistado*”, para posteriormente ser realizada uma entrevista. É importante colher os depoimentos orais dos

mestres e de alguns dos integrantes dos grupos, pois este processo possibilita um diálogo rico, entre fontes orais e históricas.

Por este motivo, a oralidade se apresenta como importante ferramenta de análise no presente estudo. Ela é enfatizada a partir das falas dos interlocutores.

Reconhecer a tradição oral é considerar que o patrimônio cultural brasileiro não se reduz ao que está escrito nos livros e, portanto, não é exclusividade de pessoas alfabetizadas ou letradas.

CAPÍTULO 2: FENART: DIVERSIDADE OU DESIGUALDADE

“Ela pediu pra eu cantar uma ciranda em baião, eu disse não canto não porque meu tempo não dá.” (Mestre Mané Baixinho)

2.1 Apresentando o FENART

O FENART é o Festival Nacional de Arte, organizado pela FUNESC-PB¹⁹. O evento ocorre anualmente, desde 1994, no Espaço Cultural José Lins do Rego em João Pessoa, na Paraíba. Geralmente acontece no mês de Novembro, no entanto, no ano de 2010 aconteceu no mês de maio.

O FENART é um evento que envolve várias atividades culturais como teatro, cinema, música, dança, artes visuais, apresentações de grupos de cultura popular, oficinas, palestras, workshops e outras. Dentro do evento acontece também feira de livros e artesanato, literatura de cordel. Uma das propostas do FENART é trazer uma programação diversificada para contemplar todas as vertentes da arte²⁰.

O XIII FENART aconteceu entre os dias 23 e 29 de maio de 2010 e o homenageado desse ano foi um dos maiores artistas que a Paraíba já teve, o maestro Sivuca, que faria 80 anos de idade naquele mês.

A abertura do Festival foi no dia 23 de maio, um domingo, a partir das 18h, e a organização do evento distribuiu a programação na portaria do Espaço Cultural. Com a programação as pessoas podem conhecer a proposta e acompanhar as atividades culturais que o evento proporciona, além de conferir os horários das apresentações (música, dança, cultura popular, teatro, cinema, show e etc.) e poderem escolher o que mais lhe agrada. O acesso à programação é importante porque, além de ser uma forma de divulgação do evento (com toda a diversidade cultural) é através dela que o público vai se organizar, de acordo com suas condições, para não perder o festival, já que um evento deste porte acontece uma vez ao ano.

¹⁹ Fundação Espaço Cultural da Paraíba

²⁰ Folder da Programação distribuída no evento.

Tenho como exemplo o caso de Dona Vera, professora de ensino fundamental e moradora do bairro dos Bancários, que foi com seus dois filhos, com idades de 7 anos e o outro de 10 anos, após o expediente da tarde, só para ver a apresentação da cultura popular. Ela disse:

Eu acho muito bonito a cultura popular, sou doida para colocar na escola que trabalho, para fazer um trabalho com as crianças para elas aprenderem a valorizar a nossa cultura. Eu levei os meus filhos para a escola onde eu trabalho só para não perder a apresentação do cavalo marinho. (Dona Vera, Conversa informal, dia 25 de maio de 2010, no Espaço Cultural).

No entanto, o Fenart não seguiu o que estava na programação. Algumas apresentações não aconteceram, outras foram canceladas em cima da hora, houve alguns atrasos e mudanças nos dias e nos horários das apresentações e nem os artistas nem o público foram informados.

O que mais me chamou a atenção foi que esses imprevistos apenas sacrificavam o tempo e o espaço da cultura popular. A apresentação do mestre Piralhinho não aconteceu, foi cancelada em cima da hora, estavam todos lá, inclusive o público, entre eles Dona Vera, que como disse em sua fala acima, fez um esforço para prestigiar a cultura popular, mas não foi possível, a explicação da organização foi a seguinte:

Está acontecendo uma peça de teatro numa sala lá em cima, se fizer barulho vai atrapalhar. Houve uma mudança no horário das apresentações e nós avisamos ao mestre Piralhinho, mas infelizmente não deu tempo do pessoal chegar na hora certa. Nós recebemos ordem e infelizmente não podemos fazer nada. (organização da produção da cultura popular, dia 28/05/2010).

Quando fui ao campo, no FENART, ainda não sabia ao certo qual seria o objetivo principal da pesquisa, mas não demorou muito para direcionar o trabalho. O que mais me deixou inquieta foi a forma como a cultura popular se encaixava na programação do Festival.

A distinção que vai separar as culturas está relacionada principalmente com a classe social que estes artistas populares ocupam na sociedade. É uma distinção que se encontra presente nas práticas culturais das diferentes classes sociais. As práticas culturais estão associadas à situação social e ao contexto socioeconômico e histórico em que vivem os membros da comunidade.

2.2 Ambiguidades na cultura: Inclui ao mesmo tempo em que exclui

Eu observei que o espaço e o horário dado aos grupos foram incompatíveis e inconvenientes tanto para o público como para os mestres. O que percebi foi que as apresentações da cultura popular se encaixavam para, popularmente falando, “tapar buracos” ou seja, preencher os espaços e os horários vagos.

Esta pesquisa parte do ponto de vista de autores que entendem a cultura popular como uma cultura do povo, a partir de um processo de compreensão da situação social em que ela está inserida.

Muitas questões foram surgindo e inquietando o meu pensamento, de modo que me fizeram refletir a cultura em vários aspectos, inclusive pensar essa distinção que existe dentro da própria cultura, e uma das primeiras reflexões foi em relação a expressão “cultura popular”. Um termo que é usado muitas vezes por algumas pessoas, inclusive pelos próprios mestres, para substituir o termo “folclore”.

Os trabalhos relacionados à cultura popular têm sido realizados principalmente por folcloristas. Estes estudos estão voltados mais para a descrição, classificação e busca de origens. Segundo Magnani, os folcloristas, preocupados em preservar a autenticidade da cultura popular e denunciar as contaminações, vêem a mudança ou como desagregação ou como uma forma deturpada de sua pureza original.

Apresentam-se como defensores de um cultura popular, mas paradoxalmente são os que mais passam atestados de óbito a essa mesma cultura, por recusar-se a assimilar suas transformações.[...] é pois uma visão estática e “ museológica”, que encerra a cultura como um acervo de produtos acabados e cristalizados, alheios às mudanças das condições de vida de seus portadores. (MAGNANI, 1998:26).

Estes estudos nos fornecem poucas informações a respeito das condições imediatas de produção (formas de organização dos grupos, meios de promover o financiamento da atividade e de renovar seus participantes - única forma de garantir sua reprodução e continuidade), e de suas relações com o contexto social e cultural mais próximo (a comunidade, o bairro) e mais amplo (AYALA & AYALA, 1987). Esta perspectiva conservadora tende a cristalizar as manifestações culturais, dissociando-as de seu contexto social e de quem as produz.

A cultura popular, na perspectiva aqui adotada, é lida em contraposição à abordagem dos folcloristas. Nesta direção, surge ao invés de um passado morto, pronto para ser “resgatado”, um passado e um presente de resistências, derrotas e lutas silenciadas. Ecléa Bosi salienta o elemento político presente na “resistência teimosa” da cultura popular:

Uma resistência diária a massificação e ao nivelamento, eis o sentido das formas da cultura popular.[...] Empobrecedora para a nossa cultura é a cisão com a cultura do povo: não enxergamos que ela nos dá agora lições de resistência como nos mais duros momentos da luta de classes. (BOSI, 1986, p.23)

Na cultura existe uma relação de poder, ou seja, uma hierarquização de poderes que vai subdividir a cultura e classificá-la de acordo com a posição social dos seus grupos. Nesse sentido, as camadas subalternas da sociedade não podem se enquadrar no mesmo patamar da cultura dominante.

Neste panorama Marilena Chauí faz uma definição ampla e restrita em relação ao termo cultura, e:

Em sentido amplo, Cultura é o campo simbólico e material das atividades humanas, estudadas pela etnografia e antropologia, além da filosofia. Em sentido restrito, isto é articulada à divisão social do trabalho, tende a identificar-se com a posse de conhecimentos, habilidades e gostos específicos, com privilégios de classe, e leva à distinção entre cultos e incultos de onde partirá a diferença entre cultura letrada-erudita e cultura popular (CHAUÍ, 1986, p.14)

É nesta perspectiva que pretendo estudar autores que compreendem a cultura como uma frente de batalha. É dentro desta perspectiva que Stuart Hall procura estudar a cultura como um lugar de luta entre diversas culturas, vinculadas aos determinados estratos da sociedade. Para o autor, a cultura popular é organizada em torno da contradição: forças populares versus bloco de poder. Ele afirma que a cultura popular é um dos locais “onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada; é também o prêmio a ser conquistado ou ser perdido nessa luta.” (HALL, 2004, p.263).

Esta expressão apresenta um caráter ambíguo, por um lado identifica e reconhece seus produtores na sociedade enquanto artistas, por outro lado, concomitantemente, os classificam como pessoas sem cultura, que por não possuírem qualquer formação escolar seja fundamental, média ou, acadêmica, são consideradas pessoas iletradas ou analfabetas e que podem ser tratadas de qualquer forma, como foi o caso de alguns grupos de cultura popular no FENART.

As diferenças entre as culturas são estabelecidas de acordo com os contextos sociais onde se desenvolvem. É a partir dessas diferenças que se podem identificar quais as posições estruturais que os sujeitos e sua produção cultural ocupam na sociedade e conseqüentemente o lugar que vão ocupar no evento.

A maioria dos mestres e artistas da cultura popular se encontra na camada inferior, à margem da sociedade, sendo assim, a probabilidade de um tratamento desigual diante de outras culturas é bem maior. Desse modo o que vai classificá-los como “artistas populares” é o modo de vida e a posição que ocupam na estratificação social.

Uma outra reflexão foi perceber que o termo “popular” não foi criação dos mestres da cultura popular, apesar de hoje em dia eles se apropriarem do termo e o usarem para se identificar na sociedade. No entanto, vale salientar que essa definição é dada pelas pessoas que se autodenominam “cultas”, ou assim são classificadas não só por possuir um certo grau de escolaridade ou formação acadêmica, mas especialmente, por ocuparem uma posição social privilegiada em relação aos grupos subalternos, como é o caso de alguns grupos de teatros e artistas locais em relação aos grupos populares.

De acordo com Marilena Chauí termo *cultura popular* foi atribuído por uma outra classe social, que se define como superior em todos os sentidos, cultural, econômico, social.

A expressão Cultura Popular, como já foi bastante observado, é de difícil definição. Seria a cultura do povo ou a cultura para o povo? A dificuldade, porém, é maior se nos lembrarmos de que os produtores dessa cultura –as chamadas classes populares- não a designam com o adjetivo “popular”, designação empregada por membros de outras classes sociais para definir as manifestações culturais das classes ditas “subalternas”. Assim, trata-se de saber quem, na sociedade, designa uma parte da população como “povo” e de que critérios lança mão para determinar o que é e o que não é popular. (CHAUÍ, 1986, p.9 e 10)

Foi a observação participante que me possibilitou enxergar uma forma ambígua, diferenciada, desigual e desrespeitosa na participação da cultura popular no FENART. Ora ela se encontra no processo de valorização, que a inclui dentro dos movimentos culturais da cidade de João Pessoa, ora essa inclusão, concomitantemente, vem acompanhada de um tratamento desigual, que a exclui.

Não pretendo com este trabalho ser uma defensora dos grupos de cultura popular, nem salvar o mundo. Em um primeiro momento, a minha preocupação com a imparcialidade durante a pesquisa foi esquecida, diante do meu envolvimento em situações que fizeram me sentir indignada, como foi o caso do mestre Baixinho do pandeiro que ficou sem almoçar, e este fato será relatado com mais detalhe no decorrer do texto.

Confesso que é um pouco complicado controlar as emoções na pesquisa, quanto mais eu me envolvia, mais eu permitia que os meus sentimentos transbordassem e sobressaíssem sobre a minha “imparcialidade” enquanto pesquisadora, e isso, de certo modo, foi encarado como um ponto positivo, porque assim percebi que estava de frente com o problema da minha pesquisa.

O contato com alguns autores da antropologia me fez perceber durante as minhas informações de campo não pude fazer outra coisa senão “aceitar e deixar-me afetar” (FAVRET-SAADA) pela pesquisa. Todavia, entendo que a hora da escrita, é “chegada hora de retornar”, ou seja, é chegada a hora de sair do campo e voltar para casa, o afastamento do campo é imprescindível na hora da escrita.

Neste trabalho pretendo problematizar a presença da cultura popular nos eventos a partir de minha vivência neles, e ainda mostrar como é importante para os grupos e mestres, estar presente e participando das grandes festas e eventos da cidade, para eles, é uma questão de reconhecimento sociocultural. Isso foi percebido durante as conversas informais, nas falas dos mestres, e principalmente observando.

Há uma contradição que envolve as discussões sobre o multiculturalismo e a diversidade cultural, em especial, dentro de uma sociedade que se diz “plural”, e onde as desigualdades se escondem atrás das “diferenças culturais” ou diversidade cultural. Estes são questões discutidas diretamente pelos direitos humanos, em favor da igualdade, tolerância e na defesa da diversidade. É necessário perceber o que está por trás dessas discussões, e observar até que ponto essa diversidade vai mascarar as desigualdades existentes numa sociedade pluralista.

Trazendo a questão para a pesquisa, o que percebi foi que dentro de um único evento (FENART), aconteceram diversas atividades artísticas e culturais, com a proposta de dar maior visibilidade às culturas locais que até então eram desconhecidas ou estavam sempre fora do circuito cultural da cidade.

Vale ressaltar que o FENART movimenta o cenário cultural da cidade, com uma divulgação que vai favorecer aos grupos que estão na sua programação, no sentido de dar visibilidade ao trabalho (tornar público) e assim permitir que os artistas tenham a chance de tornarem-se “conhecidos popularmente”. Outro aspecto positivo do evento é o entretenimento, uma forma de movimentação com lazer e cultura para a cidade (turismo). Todavia, há uma contradição que acompanha todos esses fatores positivos que o evento proporciona.

É importante verificar a desigualdade que está por trás dessa, cortina chamada “diversidade cultural”, e que é sentida por uma parte que se encontra na camada inferior da sociedade que se encontra subordinada. Neste evento a cultura popular ficou com a programação atrasada, errada, sacrificada e com pouca visibilidade.

2.3 Quem vai para o FENART?

O FENART é um grande evento que movimenta a capital paraibana e que proporciona ao público conhecer as diversas manifestações culturais locais e nacionais. O evento é bem divulgado, na internet a programação se encontra no *site*²¹ da FUNESC, também há distribuição de panfletos, outdoors e principalmente através da imprensa com chamadas na televisão.

Comecei a minha jornada caminhando no Espaço cultural na parte da tarde, logo percebi a presença de jovens, artistas locais (mestre Baixinho do pandeiro, mestre Naldinho), estudantes secundaristas (identifiquei pelas fardas com o nome das escolas), e universitários, que a maioria eu reconheci (por estudar na UFPB e conhecer muitas pessoas, e de vários cursos.). À noite somam-se a esse público, famílias, trabalhadores que estão saindo do trabalho (como Dona Vera com seus filhos além de outras pessoas).

Percebi que o público do FENART, era dividido, uma parte do público era composto por pessoas de “boa aparência”, ou seja, bem vestidas, roupas estilosas que estão na moda (não entendo bem de moda, mas deu para perceber os “estilos”) e, é o que também vai definir e diferenciar um tipo de público que entendo como “Cult”, ou “cultural”, de outro que entendo como popular. Esse perfil popular se apresenta nos indivíduos que possuem uma renda econômica inferior e menor escolaridade.

Bourdieu tenta ver como é que um capital cultural se transmite por meio de aparelhos e engendra hábitos e práticas culturais. O autor afirma que os bens culturais acumulados na história de cada sociedade não pertencem realmente a todos (ainda que sejam formalmente oferecidos a todos), mas àqueles que dispõem dos meios para apropriar-se deles. (BOURDIEU *apud* CANCLINI, 1983, p.32).

Visualizei, no evento, inúmeras formas de valorização da cultura no geral, são vários os gostos em comum e os que divergem, porém o importante é contemplar todas as formas de

²¹ www.funesc.com.br

manifestações artísticas oferecidas pelo festival. A intenção é que todas as pessoas que vão até o Espaço Cultural, possam ter a chance de participar do que lhes agrada, ou de conhecer outras formas de arte, de acordo com as condições propostas.

O público do FENART, também era composto por pessoas “especializadas”, os “cults ou culturais” se encaixam neste grupo, além das pessoas ditas “cultas”. Essas pessoas possuem recursos socioeconômicos e educativos que as permitem pertencerem a uma determinada classe social privilegiada.

Neste ano de 2010, o FENART, apresentou um perfil elitizado no teatro, cinema, música clássica ou erudita, e outros. A intenção era de selecionar o público, para que em determinadas artes o público fosse mais especializado. Segundo o presidente da FUNESC em entrevista na TV CABO BRANCO, a intenção do festival era de “selecionar o público”, ele falou em relação à taxa cobrada para assistir algumas das atividades culturais como as peças de teatro, música erudita ou instrumental e cinema.

Diante de alguns episódios e acontecimentos, percebi uma incoerência no Festival, muitas questões me fizeram refletir: por que selecionar o público? Qual a intenção do evento se dentro da proposta se fala em “contemplação de todas vertentes da arte”? Como se pode ter a “chance de ver de perto um espetáculo consagrado” se essa chance se restringe a um grupo específico? São muitas as contradições e as questões que vou tentar responder ao longo do texto, algumas podem ficar sem respostas, mas a intenção é levantar a problemática para que o leitor possa refletir.

Em outros anos, para assistir as peças de teatro, filmes e outras atividades era cobrada uma taxa simbólica de R\$ 1,00 ou R\$ 2,00 com mais 1KG de alimento. Porém, esse ano foi diferente, o valor da taxa cobrada foi de R\$ 10,00, sendo estudante R\$ 5,00 para cada apresentação.

Na cidade de João Pessoa percebi que algumas atividades culturais, que movimentam a cidade apresentam uma predominância do público universitário. O FENART é um exemplo desse tipo de atividade, que desde anos anteriores tem apresentado um perfil mais alternativo, e que já se diferencia do São João e da Festa das Neves, que são consideradas festas maiores e organizadas em cima de festas tradicionais e que serão analisados no próximo capítulo.

A identificação do público do FENART foi a partir da minha presença, eu estava no Festival todos os dias, e sempre encontrava pessoas conhecidas, amigos, colegas, colegas dos colegas ou até mesmo pessoas que não conhecia, mas que já tinha visto e cruzado na universidade. Pessoas de vários cursos, em especial na área de humanas como letras, comunicação, teatro, ciências sociais e outras áreas.

Claro que o FENART também abrange outros setores sociais, mas o que quero com isso, é mostrar que para cada tipo de arte havia um público específico, ou melhor, algumas atividades artísticas que estavam presente na programação, eram para serem vistas por um público mais selecionado. No cinema também foi cobrada uma taxa e o que eu ouvi de algumas pessoas que estavam trabalhando na produção em relação às reclamações das taxas absurdas foi o seguinte:

É esse valor mesmo, infelizmente não podemos fazer nada, isso foi discutido e determinado em reunião com o presidente da FUNESC, é essa taxa mesmo. Nos outros anos anteriores, quando a taxa era menor, aparecia todo tipo de gente e então sujava o ambiente, o pessoal nem sabia do que se tratava, nem sabia o que ia ver, chegava lá e ficava gritando, fazendo bagunça dentro do cinema e atrapalhava quem queria ia ver os filmes.

A perspectiva de Garcia Canclini mostra que a separação do campo da arte serve para justificar os privilégios da elite por algo a mais que a acumulação econômica. É o que Bourdieu vai denominar de “capital cultural” pertencente à classe dominante, que possui mais recursos para adquiri-lo. De acordo com Canclini:

Ante a relativa democratização produzida ao massificar-se o acesso aos produtos, a burguesia precisa de âmbitos separados das urgências da vida prática, onde os objetos sejam organizados como museus – por suas afinidades estilísticas e não por sua utilidade. O consumo se torna uma área fundamental para instaurar e comunicar as diferenças. (CANCLINI, 2008, p.36)

Na programação distribuída ao público, o presidente da FUNESC afirma:

Compomos o importante e abrangente festival de cultura do Estado, criando oportunidades para nossa arte interagir com a arte de outras partes do país, seja através do Workshop ou da palestra, seja através da chance de ver de perto um espetáculo consagrado. (Mauricio Navarro Burity, presidente da FUNESC)

Neste sentido que recorro a Bourdieu que observa que na medida em que se formam determinados campos do gosto e do saber, estes são limitados a um consumo exclusivo, e isso reforça a construção e a renovação da distinção das elites²². A “chance” que o presidente da FUNESC faz referência trata-se daquela exclusiva para grupos especializados, ou então, para quem pode pagar entre o mínimo que foi R\$ 5,00 (ter que possuir a carteira de estudante, e correr para chegar a tempo de comprar os ingressos de entrada meia estudante – que na maioria das vezes se esgotam-) ou R\$ 10,00 para assistir a apresentação.

²² Ver Bourdieu(2005)

A partir de minhas observações pude entender a proposta do FENART: dividir o público e privilegiar um grupo específico. É dentro desta problemática que procurei enxergar como a cultura popular vai se incluir neste contexto. Notei que em relação ao público não houve uma preocupação por parte da produção, porque para ver a cultura popular, por exemplo, era preciso chegar ao fim da tarde, e assim no FENART, ela foi o alvo mais fácil para ser sacrificado na programação. É nesta perspectiva que percebo que a diversidade cultural acentua a diferença, enxerguei uma desigualdade na forma de incluir a cultura popular neste cenário.

2.4 De frente com o problema

No dia 24/05/10, segunda feira, segundo dia de FENART, às 17h da tarde está marcada na programação (folder, internet, panfletos) a primeira apresentação da cultura popular, com o grupo Ciranda do Sol do Mestre Mané Baixinho.

A pesquisa de campo começou na minha caminhada, da parada de ônibus até o Espaço Cultural. Observei a rua e as pessoas que seguiam no sentido do Espaço Cultural, eram poucas e como já eram umas 16h da tarde, parecia que nada estava acontecendo por ali, principalmente quando se tratava de um evento de caráter nacional como o FENART. Na verdade a maioria das pessoas que estavam na rua eram em sua maioria ambulantes, que vendiam vários tipos de mercadorias como roupas, acessórios, bolsas, sapatos e sandálias, brinquedos e outros produtos que encontramos nos mercados populares, e que conhecemos também por “feira da sulanca” ou “camelôs”.

Outras pessoas seguiam para o Curso preparatório, outras para lanchonetes, ou estavam de saída ou chegada para comer no restaurante chinês localizado próximo á entrada do Espaço Cultural. O que deu para perceber foi que toda movimentação que aconteceu naquela rua, naquele dia e naquela hora, era rotineira. Poucas se dirigiam ao Espaço Cultural, contava-se nos dedos, quatro pessoas, me incluindo. E era dentro desse contexto que a cultura popular estava encaixada para se apresentar.

Entrei às 16:30h, logo encontrei com o pessoal da Ciranda do Sol, Tina, Janyeli (criança, sobrinha de Tina), Mestre Naldinho, Dorinha (cirandeira). Me aproximei deles e fui logo me apresentando pela terceira ou quarta vez a Tina e ao Mestre Naldinho. Fiquei um pouco nervosa, eu ainda não sabia o que iria pesquisar, estava ali para encontrar um foco, ou algo que me fizesse conduzir a pesquisa com mais vontade, envolvimento e centralidade. Eu

já sabia que queria pesquisar sobre cultura popular, mas como o tema é amplo, eu precisava encontrar um direcionamento mais delimitado. E foi indo ao campo que encontrei, só não imaginava encontrá-lo tão rápido.

Na programação distribuída na entrada do FENART, a apresentação do grupo Ciranda do Sol estava marcada às 17h. Segui com o mestre Naldinho e com Tina, pois comunicaram a eles que a apresentação só iria começar às 18h. Começou por volta das 17:40h, neste intervalo de tempo fiquei junto do grupo e através de uma conversa informal pude conhecer um pouco mais alguns deles como o mestre Mané Baixinho, Tina, Mestre Naldinho, Mestre Cirilo, Dorinha e dona Rosa, dona Maria do Ganzá.

A conversa foi agradável e divertida, às vezes também com algumas críticas em relação a forma como os grupos vão se apresentar nos eventos da cidade. Falaram também em relação aos palcos, eu quis saber como eles gostavam de se apresentar se em palco grande e alto como o do FENART, ou em palco mais baixo, mal terminei a pergunta e já veio logo a resposta: “vai depender se tiver o microfone sem fio, que é o que a gente sempre pede” disse o mestre Mané Baixinho.

Em seguida Tina foi complementando a fala do mestre, dizendo que muitas vezes falta esse tipo de microfone e então eles têm que se dividir, os tocadores fica em cima do palco e os mestres com as cirandeiras ficam embaixo interagindo com o público. Foi o que aconteceu neste FENART. Ela ainda completou dizendo: “Se fosse pra gente escolher mesmo, a gente preferia ficar o grupo todo junto, sem se separar, porque é assim que a gente faz lá no bairro e nos ensaios. Quando separa o grupo quebra a energia”. (Tina, conversa informal, dia 24-/05/2010).

Nesse momento uma das cirandeiras do grupo, uma senhora chamada Dorinha, pediu água, eu ouvi porque ela falou com Tina, que estava conversando comigo. Foi nesse momento que comecei a observar alguns problemas que só podiam ser percebidos estando lá com eles, com os grupos, neste caso, o grupo Ciranda do Sol. Aproveitei para investigar sobre o tratamento deles nas festas da cidade organizada por órgãos públicos (festas, eventos, festival). Quis logo saber se quando eles vão fazer as apresentações, se recebem da produção: água, lanches, transportes. Logo, Dorinha, disse: “muitas vezes a água que eles dão a gente é quente”. Outra cirandeira, que estava mais a frente com uma garrafinha na mão, ouvindo nossa conversa retrucou: “É por isso que pra onde eu vou, sempre trago a minha garrafinha de água, tem vez que esquecem de dar água a gente”.

Logo voltei a minha conversa com Tina que estava me falando como era feito o contrato do grupo, eu perguntei a ela se existia algum intermediário para resolver tal

burocracia, mas ela me falou que o contato é feito diretamente com o Mestre, no caso do FENART, foi uma ligação da produção para o Mestre Mané Baixinho.

No FENART o transporte ficou por conta da produção do evento, o mestre Naldinho, estava se aproximando e confirmou, e disse ainda “não houve atraso no ônibus para pegar o grupo no bairro dos Novais, viemos todos juntos dentro do ônibus e chegamos aqui no Espaço Cultural na hora combinada”. Em relação ao cachê o mestre Mané Baixinho falou:

É muito pouco, é R\$1.000,00 para todo o grupo. Hoje mesmo você tá vindo aí, tem 21 pessoas e tem mais. Ainda tem que gastar com os instrumentos pra comprar porque tem os desgastes com as apresentações, que deterioriza os instrumentos, tem as roupas do grupo para mandar fazer, tem muita despesa.

Chegou a hora da apresentação. Foram todos se encaminhando para o palco. Percebi que faltou um pouco de organização por parte do responsável pela produção da cultura popular. Até então, o grupo não sabia a hora certa da apresentação, ora iria começar às 17h, ora seria às 18h, mas acabou sendo às 17:30h.

Não informaram ao grupo como eles iriam se apresentar, se em cima do palco ou no chão, se ia ser com microfone sem fio ou não, e além do mais, quando já estavam todos tocando, o mestre no chão com as cirandeiras e os tocadores em cima, Tina, que estava em cima do palco, precisou interromper a música e dizer ao mestre que não estava ouvindo o som, que não ouvia o mestre cantar, que o som estava sem retorno.

Para assistir a apresentação havia poucas pessoas. A “praça do povo”, onde é chamado o espaço onde acontecem algumas atividades (shows, cultura popular, dança, literatura, artesanato, feira de livros e outras) estava vazia, não tinha público, o horário era muito inconveniente.

Minutos antes de começar a apresentação, eu estava sem câmera, a princípio achei que isso fosse prejudicar a minha pesquisa, mas pelo contrário, considero isto um fator favorável para mim, pois o mestre Naldinho me entregou a câmera dele e perguntou se eu podia fotografar a apresentação.

Percebi que esse foi um momento que me colocou em duas situações: uma desconfortável, que foi quando me senti desconcertada quando ele me entregou a câmera, pois não sabia manusear câmera digital e fiquei envergonhada em dizer, mas também sabia que não podia recusar, então tentei ser discreta e fazer o que foi pedido. A outra foi considero mais importante e gratificante que foi quando eu me senti por algum instante “parte do grupo” enquanto eu estava lá fotografando, ou pelo menos me esforçando para não errar nas

fotografias. Isso me fez sentir a confiança do mestre e entendi que aquele fato era como se fosse um “sinal verde”, ou melhor, um “siga em frente” na pesquisa. Percebi que os nossos laços de amizade estavam nascendo.

Quando acabou a apresentação perguntei ao Mestre Mané Baixinho o que ele tinha achado da apresentação, ele foi logo balançando a cabeça, fazendo um sinal de negação. E ainda disse:

Esse horário é muito ruim, bom mesmo é de 20h da noite, porque não tem hora pra terminar e tem mais gente. A gente gosta mesmo é de ver as pessoas brincando, se divertindo. Esse horário de cinco horas da tarde, não dá ninguém, o povo tá trabalhando, saindo do trabalho e aí dificulta o trabalho de divulgação do grupo, se fosse pra eu escolher eu digo, gosto mesmo é a noite.

No dia seguinte (terça-feira) não estava programada nenhuma apresentação de cultura popular, na praça do povo aconteceu a feira de livros e de artesanatos. Já na quarta-feira, dia 26/05 estava marcada uma palestra²³ sobre cultura popular às 14h, porém, houve um atraso de 1h, e então teve início às 15h. Esse atraso foi muito bom para minha pesquisa, pois como eu tinha chegado na hora que estava na programação, encontrei com o mestre Naldinho, Tina e Priscila, filha do Mestre Naldinho e assim tive um tempo para conversar, e principalmente tempo para ouvi-los.

O mestre foi contando sua indignação, pois assim que chegou, antes de subir para o auditório verde (local onde estava marcada a palestra), encontrou com o mestre Baixinho do Pandeiro que tinha acabado de chegar de Campina Grande. O detalhe era que já tinham se passado das 14h e o mestre ainda não tinha almoçado, estava vindo lá do terminal de integração e ainda não tinha encontrado com ninguém da produção, o mestre já é um senhor que já tem mais de 65 anos de idade.

Mestre Naldinho contou:

Quando eu fui cumprimentar o Mestre Baixinho do Pandeiro, ele foi passando a mão na barriga, olhou para mim e disse que estava com fome e que não tinha almoçado ainda, então fui com ele atrás de algum lugar para almoçar. Era tarde, lá naquelas lanchonetes da frente não tinha mais e nem dentro do Espaço Cultural, o jeito foi ir atrás de alguma coisa mais saudável lá dentro mesmo, então tinha uma salada de fruta lá, aí deixei paga e o mestre ficou lá embaixo comendo. (Mestre Naldinho, dia 26/05/2010, conversa informal)

²³ Palestra com o tema: Antropologia e Caminhos. Com os debatedores: Noaldo Ribeiro- sociólogo-PB; Paulo Henrique Albuquerque- integrante do maracatu Piaba de Ouro de Mestre Salú e do Cavalo Marinho do Boi Pintado do Mestre Grimário-PE; Helder Vasconcelos- ator/musico/dançarino- um dos criadores do grupo musical Mestre Ambrósio-PE. Mediadora foi : Michele de Vasconcelos de Brito- pedagoga, historiadora e secretaria de Cultura de Pedras de Fogo- PB.

Quando ele me contou este fato, não tive outra reação a não ser ficar muito indignada, o mestre ainda me falou que na noite anterior, que eles se apresentaram com a Ciranda do Sol, quando estavam ainda no palco cantando, o responsável pela produção da cultura popular, fazia sinais com as mãos para eles encerrarem a apresentação, que o tempo deles já tinha se esgotado.

Tina, que também estava na conversa, completou a fala do mestre dizendo “assim é muito ruim, a gente tinha se preparado para terminar com um coco, na hora que ta começando a esquentar eles mandam acabar, é falta de respeito com os mestres, com aquelas senhoras e com o público”. (Tina, 26/05/2010, conversa informal)

O mestre Naldinho ainda comentou fazendo uma brincadeira em relação a volta do grupo Ciranda do Sol, depois da apresentação:

Na hora de ir pega a gente, é aquele ônibus bonito, limpinho, cheiroso, todo mundo junto, na hora certa, mas depois na hora de voltar é tudo diferente, dessa vez mesmo a gente foi embora às 20h e sem falar que em um transporte totalmente diferente, e tivemos que nos dividir. (Mestre Naldinho)

Ainda durante a conversa Tina completou “é uma falta de respeito muito grande como eu já disse, aquelas senhoras já velhinhas, eles nem tiveram coragem de servir um lanche depois da apresentação, deixaram a gente de castigo até 20h.”

A conversa foi interrompida, pois já ia começar a palestra. O debate foi interessante, girou em torno do Cavalo Marinho, mas também foram abordadas outras artes da cultura popular como a capoeira, sendo que o maior enfoque foi dado no cavalo marinho. Um outro ponto levantado no debate foi a respeito dos “atravessadores”, termo referido às pessoas que chegam na comunidades e se apresentam como admiradores da cultura popular, ou como pessoas que querem participar do grupo, fazer pesquisas ou até prometem que vão ajudar os mestres com a produção de CDs, DVDs. Acontece que essas pessoas, aprendem a brincadeira, se apropriam e utilizam o aprendizado para montar um grupo e se promover, e muitos se apresentam como “grupos de cultura popular”, e no fim dão um “pontapé” nos mestres.

No debate se fala das várias formas de apropriação, da inocência dos mestres que eram ludibriados pelas artimanhas dos atravessadores, ou predadores. Quando a palestra estava ficando mais interessante porque todos estavam participando, o responsável pela produção aparece e já sinaliza mais uma vez que é hora de acabar, então é encerrada com a fala de um dos membros da mesa “quando o debate está começando a ficar melhor, sempre tem que acabar, em outra ocasião discutiremos outros assuntos.” (Paulo Henrique Albuquerque, 26/05/2010, palestra).

Segui para a praça do povo onde estavam os palcos. A apresentação do cavalo marinho Estrela de Ouro, do mestre Biu Alexandre de Pernambuco, estava marcada para começar às 18h, houve um atraso de 1h, e mais uma vez observei a desorganização nos horários da cultura popular. Na apresentação faltou o microfone para a rabeça, instrumento usado no cavalo marinho, por isso o som foi muito baixo, além disso, a apresentação foi muito curta e todos reclamaram, inclusive as pessoas que estavam assistindo.

Vale salientar que o mestre com todo o atraso, problemas e dificuldades, preparou tudo para trazer todas as figuras do cavalo marinho, além de que o mestre havia perdido sua esposa há 15 dias e estava muito triste. Inclusive ele teve a consideração de justificar ao público o porquê de não está participando da brincadeira, ele falou emocionado:

Eu peço desculpas a todos vocês porque eu to muito triste, eu perdi minha esposa tem 15 dias e eu não tenho alegria pra brincar, vocês me desculpem, é que há 15 dias atrás eu tava brincando o cavalo marinho e ela tava doente, mas quando eu cheguei da brincadeira ela não tinha mais a vida. Vou apresentar aqui meu dois filhos que faz parte do grupo e que na minha falta eles vem e me substitui, e assim dá continuidade a brincadeira.

É importante destacar que o mestre com toda essa dificuldade, com o emocional abalado pela tristeza ainda teve a consideração e pediu desculpas ao público, se explicando, diferente do pessoal da produção do evento, que chega diz que tem que acabar e não leva em consideração nem os mestres, nem o público. Toda produção de evento enfrenta problemas com som, com horário, com palco mas no caso do FENART, os problemas mais visíveis estavam focados na cultura popular e todos os dias.

No dia seguinte, quinta-feira, cheguei cedo, umas 16:30, para ver se conseguia conhecer o pessoal do Coco de Roda do Mestre Benedito. Esperei bastante tempo e nada. Nenhuma movimentação na praça do povo, no palco não havia ninguém, tudo parado sem preparação para as apresentações. Depois de um tempo, vi um rapaz que estava vestindo a camisa da produção e ele andava com um aparelho na mão, tipo um walk-talk. Fiz sinal com as mãos para ele me esperar e falar comigo, pois ele estava andando com pressa. Quando ele se aproximou perguntei a que horas ia começar o coco de roda, o rapaz já foi falando “ Não vai ter apresentação não, o mestre se empombou lá e disse que não vinha mais”. Achei a expressão usada pelo rapaz desrespeitosa, mas me utilizei dela para questionar “Como assim, porque o Mestre se empombou? Mas não era o Coco de Dona Teca?”. Então logo ele respondeu:

Pois é, era pra ser mas essa programação aí está toda errada. Foi por isso que o Mestre ficou “puto”. Ele viu a chamada na televisão que anunciaram errado, daí ele falou que não ia se apresentar mais. Disse que não ia se apresentar porque a programação esta toda errada. É porque aconteceram uns probleminhas e o grupo que ia se apresentar hoje vai ser amanhã e o de amanhã era para se apresentar hoje. Só mudou isso. O grupo de hoje era o Cavalo Marinho lá de Bayeux”. (produtor da cultura popular no FENART)

Então ele foi embora e eu fiquei lá na praça do povo, dando informações a algumas pessoas que chegavam ao local para assistir as apresentações e não havia ninguém nem para dar os informes, para explicar que não ia haver apresentação, já que a programação que estava sendo entregue na portaria do Espaço Cultural estava toda errada como disse um dos próprios produtores.

Fui para casa sem ver a apresentação e com um sentimento que me fez refletir muitas questões e uma em especial, que me inquietou e desencadearam outras: Por que sempre sacrifica-se a apresentação da cultura popular? Será que essa forma de “encaixar”, ou de “incluir” a cultura popular tem a ver principalmente com a classe que os seus produtores ocupam na pirâmide social? A cultura popular tem esse tratamento por ser uma cultura feita pelo povo e para o povo? Até que ponto a inclusão da cultura popular neste evento, que tem um caráter nacional, tinha a real intenção de valorização da diversidade cultural, ou era só uma forma de “mascarar” uma real desvalorização?

São muitas as questões levantadas e problematizadas durante a pesquisa, mas sei que nem todas serão respondidas, no entanto o que vale é apresentá-las ao leitor, para que se possa pensar nelas e refletir sobre um aspecto que nem sempre é problematizado que é essa questão da “desigualdade” que está por trás da diversidade cultural que é um tema bastante atual e bem discutido na nossa sociedade.

2.5 Encarando a desigualdade no FENART

Na sexta feira, dia 28/05, no folder do FENART, estava programado o Cavalo Marinho de Bayeux, mas como houve aquele “imprevisto” no dia anterior (falado acima), que acarretou na não apresentação do grupo de coco de roda do Mestre Benedito, então já fui preparada para outro “imprevisto”, que é como os produtores chamam os acontecimentos que sacrificam a cultura popular, neste caso. Na programação a apresentação estava marcada para ter inicio às 18h, porém o atraso já fazia parte do evento, então mais uma vez esperei.

Passado um tempo, avistei a menina que estava com a blusa da produção e que eu já conhecia de vista da UFPB, ela era uma das responsáveis pela produção da cultura popular. Então eu cheguei junto e dei início a um diálogo, que para mim foi muito importante e que vou contar para que o leitor sinta ou pelo menos compreenda a minha indignação. Comecei:

“- Oi, e aí tudo certo? De que horas vai começar a apresentação?”

- Oi, que nada, liguei para o mestre e ele ainda está vindo e o pior é que ele só tem 20 minutos para se apresentar, eles vêm lá do Bairro dos Novais.

- Mas ainda são 17:40 e a apresentação deles está marcada para as 18h. Qual é grupo mesmo que vem mesmo?(ela me interrompeu)

- Não é esse o horário mais não. É que mudou o horário da apresentação, eles eram para estar aqui às 17h. É que às 18h vai ter uma peça de teatro no auditório Zé da Luz, e se fizer *barulho* aqui vai atrapalhar lá. (destaque meu, para o termo empregado pela produtora quando se referiu ao cavalo marinho)”

Neste momento, apareceu Dona Vera e seus dois filhos, que tinha ido quarta-feira, quinta e estavam lá na sexta. Quando ela me viu se aproximou. De acordo com o horário da produção, já tinham se passado mais 10 minutos, ou seja, só restavam 10 minutos para o grupo, que estava vindo do Bairro dos Novais para se apresentar. Continuamos a conversa eu e a produtora, continuei falando:

- Qual é o grupo? É o grupo do mestre Pirralhinho ou grupo do mestre João-do-boi? Como assim? Não tem na programação.

Dona Vera, nos interrompeu e indagou:

-“ Isso é uma falta de respeito com a cultura popular. Já estou vindo pela terceira vez e nada. A apresentação de quarta foi uma vergonha, quando estava ficando bom, quando começa a chegar mais gente, eles vão e mandaram parar e cortaram o som. Falta de respeito com as pessoas que estavam assistindo e com os mestres que se deslocam de suas casas ou de seu trabalho para vir se apresentar e tem que passar por esse tipo de coisa. Não gostei de jeito nenhum.”

Após a fala de Dona Vera, a moça da produção ficou um pouco nervosa e retrucou, chegando a discutir. No momento da discussão ela se explicava, falando alto, tentando se esquivar da culpa pela falta de organização, mas que acabou deixando bem nítido que o setor responsável pela cultura popular não podia fazer nada, só recebe ordem, e que eles estão fazendo de tudo para que esses imprevistos não aconteçam, “infelizmente estamos cumprindo ordens” foram essas as palavras da moça da produção.

Então, eu me questiono, se eles que tem o “poder”, no sentido de “estar responsável” pela produção e organização do setor da cultura popular do FENART e que eram os representantes “oficiais” perante a burocracia do evento, se eles não podiam fazer nada, então quem é que vai, dentro do evento, querer tratar dos assuntos referentes à cultura popular? Qual a real função dessas pessoas que são “responsáveis pelo setor da cultura popular” como se apresentou para nós, a moça da produção?

Ainda continuando o diálogo, a fala da produtora foi a seguinte:

“-Minha gente não fale mais nada não que desde quarta-feira que eu estou ouvindo coisas, a culpa não é da gente, por favor eu não quero mais falar sobre isso.”

Nesse momento ela estava alterada e então eu interrompi e falei:

-“Gente calma, não precisa discutir, precisamos de soluções. A apresentação precisa acontecer e não pode atrapalhar o teatro, então porque não pergunta ao mestre e as outras pessoas da produção se pode acontecer sem ligar o som, ou então pensemos em outra solução.”(Não era a solução ideal mas eu precisava saber qual a intenção da produção)

- Tá, tá eu vou ver isso, mas acho que não vai dar certo”.

A partir daí já vi uma falta de interesse em solucionar os problemas, ou talvez uma falta de experiência. Nesse momento o pessoal do grupo Boi-de-Reis – Estrela do norte do mestre Pirralhinho chegou. Quando chegaram, alguns já com suas roupas de apresentação, outros se vestindo nas pressas, foram recebendo a notícia que não tinha mais tempo para eles se apresentarem. Eu fiquei um pouco afastada, mas vi a expressão no rosto do mestre. A cara do mestre foi a pior. Ele ascendeu um cigarro e fumava andando de um lado para o outro.

Vendo aquela situação, me aproximei do produtor, e ele já foi logo falando que não dava para o grupo se apresentar, pois, ia atrapalhar o teatro, e disse também que os responsáveis pela produção geral do FENART, mudaram o horário em cima da hora e não tinha como avisar, e concluiu dizendo “não podemos fazer nada, infelizmente esses imprevistos acontecem, isso é uma merda, mas recebemos ordem de superiores, a ordem vem de cima para baixo, existe uma hierarquia e temos apenas que respeitá-la e cumprir as ordens, aqui quem manda é o pessoal da música”. (produtor)

Cheguei junto do grupo, e o mestre estava bastante nervoso e chateado, fumava um cigarro atrás do outro, e falou: “É complicado, a gente pegou um trânsito ruim, que atrasou tudo, os meninos estavam trabalhando, largou o trabalho e vieram direto para cá, é fogo e chega aqui e dizem que a gente não vai poder se apresentar”. (mestre Pirralhinho)

Então a esposa do mestre, Ester, que também faz parte do grupo, falou assim:

Eu trabalho na Funjope, fiz hora extra para poder liberar mais cedo, fiquei sem almoçar, para ver se largava lá de 16h e ver se dava tempo de chegar, porque nossos meninos todos trabalham, porque precisam trabalhar. Esse horário é muito ruim, o meu filho mesmo, aquele menino ali, tá vendo (falou apontando o dedo para o filho que estava sentado na cadeira) e ali do lado dele é a namorada, os dois trabalham, ele mesmo não deu nem tempo de tomar banho, só fez trocar a roupa e veio. É assim todos que fazem parte do grupo trabalham, aí eles mudaram o horário em cima da hora, e tem mais nem sabiam se esse horário era bom ou ruim pra gente, só digo uma coisa é muito ruim, porque é muito cedo. (Ester, esposa do mestre Pirralhinho e que também integra o grupo Boi-de Reis Estrela do Norte, dia 28/05/2010).

Enquanto eu conversava com Ester, o produtor estava conversando com os mestres João-do-boi e Pirralhinho. Me aproximei deles e peguei o resto da conversa. Ele se explicava para os mestres e ao mesmo tempo se esquivava da culpa falando que achava um absurdo o que fizeram com a cultura popular e que não concordava mas que infelizmente não podia fazer nada. Sempre falava a mesma coisa.

O mestre indagou de todas as formas para poder se apresentar, insistiu, chegando até a ficar humilhante, mas com a produção não teve acordo. De repente Ester chamou o mestre Pirralhinho e disse: “vamos lá falar com o chefe, ou com o diretor geral.”(Ester, dia 28/05/2010).

Neste momento eu estava junto com o pessoal do grupo. E ao mesmo tempo iam-se aglutinando cada vez mais pessoas que esperavam ver a apresentação, até porque algumas pessoas do grupo ainda estava padronizado, com a roupa de apresentação do grupo.

O público não estava gostando de ver o palco sem nada, as pessoas estavam ali prontas para se apresentarem e só faltava a palavra de ordem de algum superior que errou por ter alterado o horário da apresentação, ou foi a falta de organização da coordenação de cultura popular, que quis dar maior prestígio às peças de teatro, fica essa dúvida. Vale salientar que o responsável pela cultura popular no FENART é diretor de teatro, talvez essa informação contribua para que entendamos o porquê do privilégio às peças de teatro, por questão de ética vou chamá-lo de Roberto.

Encontrei uma amiga Viviane, que é aluna do PPGS²⁴ e expliquei a ela a confusão e decidimos ir atrás do mestre Pirralhinho e de sua esposa, Ester.

Quando subimos a rampa encontramos com os dois esperando para falar com o diretor do evento, que logicamente já estava sob alerta do que estava se passando, e não apareceu.

²⁴ Programa de Pós Graduação em Sociologia.

Roberto já estava em cima com seu walk talk. Quando a gente chegou fomos ao encontro do mestre e de Ester, eles estavam com a expressão de indignação. Ela foi logo falando: “é vamos embora Pirralhinho, isso aqui não vai dar em nada não. É lógico que o diretor não vai aparecer. Vou embora mesmo.” Falou olhando para nós. O mestre antes de sair falou: “É a gente fica assim triste porque vocês tão aí pra ver, conhecer a brincadeira e a gente queria brincar mas não tá dando, né?!.”(mestre Pirralhinho, dia 28/05/2010). A explicação de Roberto para mim foi a seguinte:

O convidado, Dido²⁵, que ia tocar no palco principal junto com o Frejat, não vai mais tocar. Esse cara, o Dido, guitarrista, tinha pedido 30 minutos antes do Frejat, então tiveram que encaixar ele, tiveram que diminuir o tempo da cultura popular para que ele pudesse tocar. (Roberto)

Então o mestre Pirralhinho seguiu Ester, que já estava descendo para ir embora, e nós decidimos descer não ia adiantar mais nada, já que eles já estavam indo embora. Desceram e falaram ao restante do grupo que estavam indo para casa.

E foi assim que acabou a noite de sexta-feira, mais uma vez foi sacrificado o tempo da cultura popular, eu me questioneei, porque então não abrir mão do teatro, será que era porque o produtor e a produtora responsáveis pela organização da cultura popular faziam parte do teatro de João Pessoa, fiquemos a pensar estas questões.

No último dia que ia ser no sábado, eu estava sabendo que a programação estava quase toda errada, e toda vez o atraso de 1h fazia parte da programação. Dessa vez, quando eu cheguei já tinha começado a apresentação, inclusive eu cheguei 16:15 e já tinha começado o coco de roda de mestre Benedito comandado por dona Teca, filha do mestre e sua família, netos, filhas e filhos, sobrinhos e irmãs.

O coco de dona Teca é realmente muito divertido, animado, homens, mulheres e crianças dançam muito e o público gosta de ver. “É diferente o coco que eles fazem, é mais rápido, e tem uns pulinhos, eu acho lindo”, disse uma mulher sorrindo e olhando para mim.

A apresentação começou na hora marcada, mas foi muito rápida, logo, também no chão tinha uns pedaços de vidro e como o grupo brinca descalço alguns integrantes do grupo se machucaram. Observei, que enquanto brincavam o coco, as crianças dançavam e ao mesmo tempo catavam os cacos de vidros que estavam no chão.

Isso realmente atrapalhou muito a apresentação, inclusive dona Teca falou no microfone: “Atenção a organização, meus meninos se machucaram aqui, o chão está cheio de

²⁵ Dido Fialho, guitarrista paraibano.

cacos de vidro. Olhe isso aí, para não acontecer com mais ninguém, tem gente que está ferida, 4 pessoas cortaram o pé, vejam isso aí.”(Dona Teca, dia 29/05/2010)

Logo depois ela deu inicio a ciranda e disse “vou fazer uma ciranda agora que é para o pessoal descansar” disse Dona Teca, e então formou-se a ciranda com a participação do público. Cantaram umas quatro músicas e logo dona Teca se despediu, pois já era a hora de acabar.

Assim que encerrou me aproximei do grupo para tentar conversar sobre o evento. Consegui conversar um pouco com dona Teca que me contou que estava doente, tinha tomado nebulização e estava com uma gripe forte e dor de garganta. Então perguntei o que ela estava achando do FENART, então ela disse:

É minha filha tá bom, eu não pude vim na quinta porque eu tava muito doente ai pedi a eles ai da organização pra ver se eu podia vim outro dia, então eles colocaram hoje né. É, o ruim é que as outras pessoas do grupo não puderam vim por conta do trabalho, essa hora mesmo ainda tem gente trabalhando. Aqui mesmo só tem 21 pessoas, mas o grupo é maior é bem mais de 30 pessoas. Mestre Benedito era meu pai, tá vendo aquela senhora ali sentada, (apontou com o dedo) é a minha mãe. E aqui é tudo filha, filho, essas menininhas são minhas netas e ali na frente são minhas irmãs, filhas do mestre Benedito.”(Dona Teca).

Dona Teca é muito simpática e agradável, infelizmente o pessoal chegou interrompendo nossa conversa, pois, o ônibus que ia levar o grupo de volta para casa já tinha chegado, então me despedi dela e fui procurar alguma coisa para fazer enquanto esperava a atração da noite. Fiquei um pouco perdida, achei o evento sem compromisso com o público, pois ainda era cedo, e não estava acontecendo nada no FENART. A minha sorte foi ter encontrado duas amigas, um delas, a Vivi, estava comigo no dia da “não-apresentação” do mestre Pirralhinho e Fernanda também aluna da UFPB.

Então, nada melhor do que esperar a atração no bar com uma boa conversa e na companhia das amigas. Isso também foi legal porque foi no bar que eu descobri que às 19h ia ter o Cavalo Marinho de Bayeux. Na verdade quando estávamos conversando eu e as meninas no bar, chegou um dos integrantes do grupo era a “Catirine”²⁶, ele estava tomando uma dose de cachaça, e então perguntei de que horas ele ia se apresentar, e ela falou às 19h.

Quando então se aproximava a hora, fomos para dentro do Espaço Cultural. Foram chegando muitas pessoas, formou-se uma grande meia lua em volta do Espaço. No público muitas crianças sentadas no chão, pais e mães, as pessoas participavam e sorriam muito com as figuras do cavalo marinho: Catirine, Mateus, Jaguar, a Margarida e outras.

²⁶ Figura do cavalo marinho.

Uma observação que ficou muito nítida para nós espectadores e merece destaque era em relação à preocupação da produção com o tempo, e isso interferiu muito na apresentação, na verdade diminuíram muito o tempo do grupo e a apresentação foi bem corrida.

Havia uma pessoa que ficava correndo o tempo todo de um lado para o outro com papel na mão e sempre olhando para Roberto que ficava cronometrando o tempo. As pessoas perceberam, e quando estavam começando a participar da brincadeira, ou seja quando o público começa a entender e a interagir com o que está em cena no Cavalo Marinho, Roberto, produtor da cultura popular já dar o sinal que tem que encerrar, então já começam os sinais dentro do grupo. As músicas obedecem uma seqüência, na apresentação existe um tempo para cada figura do cavalo marinho, mas, no FENART esse tempo foi atropelado.

Quando menos se espera já estavam encerrando a apresentação. O que chamou a atenção do público, foi quando o cantor estava dando os agradecimentos, ele ainda falava quando cortaram o som do microfone. Ele continuou dando uma volta ao redor da meia lua que tinha se formado, e falava mesmo sem som, não dava para ouvir, observei também o senhor Roberto, empurrando um dos componentes e puxando o outro pelo braço, para que eles se retirassem logo do local da apresentação, pois, o outro grupo de dança já estava se organizando e já ia começar. E assim acabou a última apresentação da cultura popular, com o microfone cortado, com o tempo reduzido, e com a pressão do relógio do produtor.

Neste capítulo a minha intenção é fazer com o leitor sinta e perceba as diferenças que se encontram dentro do campo da cultura. É necessário observar como a cultura popular participou da programação do evento e qual público o evento almejava alcançar.

CAPÍTULO 3: A CULTURA POPULAR NO SÃO JOÃO E FESTA NAS NEVES: DA EXCLUSÃO À INCLUSÃO

*“Oh gente que casa é essa
Casa de tanta alegria
Vamos festejar o santo
O santo rei desse dia”*

3.1 São João da capital

Quando se aproxima o mês de junho, as cidades do Nordeste entram em festa, em homenagem ao santo mais conhecido da região, São João. Na Paraíba, em especial na capital, que é onde moro e onde faço a pesquisa, o clima de São João já toma conta da atmosfera da cidade. É comum andar pela cidade e encontrar aqui ou acolá um trio de forró na porta de uma loja, ou então, ouvir um forró pé-de-serra em cada esquina do centro, sentir o cheiro de milho-verde, olhar ao redor e se confundir com as cores das bandeirolas colorindo as ruas e as lojas. Dentro dos ônibus o que se escuta são as pessoas combinando onde vão festejar o feriado, além dos forrós vindos dos aparelhos eletrônicos portáteis.

A festa de São João é a festa mais esperada pelo povo paraibano. No dia 24 de junho se comemora a festa do santo, São João. O São João é um ritual Regional, mobiliza a população das cidades onde a festa acontece. Meu foco nesta pesquisa é a participação dos grupos de cultura popular na capital paraibana no ano de 2010.

No ano de 2010, na capital a festa teve início no dia 11 de junho e se encerrou no dia 29 de junho no centro histórico. As atrações foram “distribuídas”, em dois pólos: no ponto dos Cem Réis e na Praça Dom Adauto, mais conhecida por Praça do Bispo. A realização é da prefeitura Municipal de João Pessoa por meio da sua Fundação de cultura, a FUNJOPE.

Assim como o carnaval onde acontecem os desfiles das escolas de samba com suas disputas, no São João, também acontecem competições, mas, entre quadrilhas. Neste sentido é possível fazer um associação dos desfiles carnavalescos com as quadrilhas juninas, a partir da concepção de Roberto da Matta em sua obra “*Carnavais, Malandro e Heróis*”:

O desfile carnavalesco, coloca, portanto, alguns paradoxos. As associações voluntárias que dominam o desfile são constituídas de pobres, mas entram em disputa, uma vez que o objetivo do desfile é premiar as melhores escolas. Temos então que, numa sociedade hierarquicamente ordenada como a brasileira, quando se escapa do esquema dominante (da hierarquia) os grupos entram em competição. (DaMatta, Roberto. 1997. pg.58).

Os grupos ensaiam o ano todo para quando chegar o São João fazer a melhor apresentação e para poder ganhar o concurso estadual e ter a chance de disputar o prêmio oferecido em uma competição de dimensão maior que é o concurso de quadrilhas juninas do Nordeste.

Mas o meu foco nesta pesquisa não está direcionado para as quadrilhas juninas de João Pessoa, o que pretendo abordar aqui é como dentro da própria cultura popular existem disputas e distinções, de acordo com as hierarquias e que vão refletir na forma de incluir cada grupo nos eventos.

No São João esse ano, mesmo com as desvantagens em relação à localização em comparação ao palco principal, as quadrilhas ainda conseguiram ter maior visibilidade que os grupos de cultura popular. Elas já possuem um público próprio, com suas torcidas, além de que os horários e a divulgação facilitaram para que conseguissem um público maior em relação à apresentação da Cirando do sol, por exemplo.

As questões me fizeram refletir e observar que dentro do próprio cenário onde os atores populares vão atuar, o grau de escolaridade é um elemento que vai distinguir os indivíduos no campo cultural. Nesta linha, Antonio Gramsci (1968) conceitua cultura popular como “cultura criada pelo povo e apoiada numa concepção de mundo e da vida toda específica, que se contrapõe à ‘concepção de mundo hegemônica’” (GRAMSCI, 1968, p.184). O autor entende como povo “o conjunto das classes subalternas e instrumentais de toda forma de sociedade até agora existente” (GRAMSCI, 1968, p184).

Gramsci formula a questão em termos de estruturas ideológicas da sociedade: ao lado da chamada cultura erudita, transmitida na escola e sancionada pelas instituições, existe uma cultura criada *pelo povo*, que articula uma concepção do mundo e da vida em contraposição aos esquemas oficiais.

Muitos dos mestres de cultura popular não sabem ler e nem escrever direito, a maioria não possui uma “escolaridade formal completa” e isso, perante alguns setores sociais, os tornam alvo de preconceito colocando-os em condição de desvantagens nas negociações. Em relação a esse aspecto Tina me falou:

O pessoal fica falando aí que eu quero voltar por grupo do mestre João, mas não é isso. O mestre não sabe ler, nem escrever e muitas vezes o povo enrola ele, diz que vai pagar um cachê e na hora paga a metade, e assim vai, se o pessoal não souber fica sem participar. Eu mesmo tenho correr muito. (Tina).

3.1.2 Tempos diferentes e espaços separados: cultura popular no São João

O São João neste ano de 2010 homenageou o poeta e repentista Oliveira de Panelas, também conhecido como o “Pavarotti do sertão”, e também o cantor e compositor Antônio Barros, que completou recentemente 80 anos de idade.

Na programação, no palco montado no ponto dos Cem Réis aconteceram os shows da noite e no palco que se encontra na Praça Dom Adauto havia a apresentação da cultura popular, que inclui quadrilhas, folguedos, trios de forró e repentistas.

No São João as apresentações de quadrilhas não podiam faltar, já é uma das características da festa. Esse ano de 2010, entre os dias 14 e 17 junho estava programado o Festival Municipal de quadrilhas no ponto dos Cem Réis a partir das 18h e no dia 21 de junho, ainda no mesmo local, o Festival Estadual de quadrilhas.

A festa de São João é uma grande festa popular do Nordeste, a participação da cultura popular faz parte da festa, além de dar um caráter de “diversidade cultural”, por abarcar dentro de sua programação diversas formas de manifestação cultural do Estado e da Região como o coco, a ciranda, o cavalo Marinho, trios de forró entre outras.

A presença desses grupos populares é valorizada pelos mestres, pois é uma forma de reconhecimento e divulgação do trabalho deles, percebi isso em conversas informais com as pessoas do grupo e com os próprios mestres.

A separação dos palcos no São João trouxe alguns problemas, especialmente para os artistas que ficaram com suas apresentações na Praça Dom Adauto. Acontece que a festa se concentrava no ponto dos Cem Réis, onde a divulgação (internet, outdoors, televisão, panfletos) dos shows era bem maior em relação ao outro palco, que não teve esse privilégio.

A falta de divulgação acarretou na falta do público. Outro ponto desfavorável foram os horários dados às apresentações dos grupos de cultura popular, que era no fim da tarde e começo da noite, isso também dificultava a ida do público, que estavam saindo do trabalho, inclusive pessoas dos próprios grupos. Sem falar no espaço dado para as apresentações, a Praça Dom Adauto, que não é um local muito conhecido, eu mesma não conhecia por nome, o

percurso até ela é considerado perigoso por ser um pouco escuro e também é afastada do ponto dos Cem Réis, que era onde o “São João da gente” acontecia “pra valer”.

É importante destacar que muitos integrantes dos grupos populares trabalham o dia todo e esse horário compromete o tempo deles como explicou Tina:

Nesse horário o grupo não tem como estar completo, as crianças muitas vezes os pais trabalham até mais tarde e não tem como trazer, o mestre Naldinho e eu as vezes temos que nos virar para não deixar que o grupo fique sem se apresentar, e também tem algumas mulheres aqui do grupo que trabalha, aí é ‘se vira nos trinta’. (Tina)

Quando se separam os palcos, dividem-se o tempo, o espaço e o local das apresentações. A divulgação também foi uma forma de exclusão da cultura popular, de modo que na maioria das vezes só é feita em favor das atrações principais que se concentram nos palcos principais, como foi o caso do São João e do FENART. As pessoas estão acostumadas em assistir os artistas da mídia, a grande maioria dos artistas que se apresentam no palco principal são da mídia, e isso ocasionou numa grande concentração de pessoas para ver os shows, como foi o caso de Nando Reis.

É dessa forma que se percebe uma desigualdade na forma de como se trata a cultura popular. É importante verificar que por ser uma cultura que é feita pelo povo, nestes eventos (FENART e São João) ela está sempre encaixada em uma posição de subordinação. Seu tempo, sua hora e seu espaço dependem de outros artistas, como no FENART que espremeu o tempo do mestre pirralhinho em função do tempo do artista do palco principal.

Vale salientar que muitos dos espaços reservados para as apresentações populares ainda existem por conta da resistência de muitos mestres, grupos populares, pesquisadores e pessoas que realmente conhecem o problema enfrentado na luta pelo reconhecimento da cultura popular no circuito cultural da cidade. Essas pessoas contribuem de alguma forma para que a cultura popular seja tão valorizada quanto às outras formas artísticas. Enquanto isso não acontece, é possível afirmar que existe uma distinção na forma de incluir as manifestações populares no circuito cultural da cidade.

Uma coincidência que me chamou atenção foi em relação às mudanças “repentinas” na programação que sacrificavam o tempo e o espaço dos grupos de cultura popular tanto no São João quanto no FENART.

Neste trabalho faço a análise me preocupando, em especial, com a fala dos mestres e suas concepções. O que pretendo é apresentar ao leitor uma outra face da “festa” trazendo

outras questões que são muitas vezes “mascaradas” quando não “ocultadas”, principalmente quando se trata da cultura que vem do “povo”.

3.1.2 Palco dos cantores e palco dos cantadores

“Palco dos cantores e dos cantadores” foi uma definição dada por Tina em uma entrevista que fiz com ela no bairro dos Novais. Ela disse:

No palco dos cantores, o cantor tem que cantar bonito, tem que ter a voz bonita e não pode errar de jeito nenhum, e o cantor tem que estar bem arrumado, todo bonito lá. Já no palco dos cantadores, cada cantor canta do jeito que sabe, do jeito que aprendeu, sem se preocupar se a voz é bonita, pode errar, e o cantador tem que se garantir no improviso. (Tina, coordenadora do grupo Ciranda do Sol, 18/06/2010)

Considero de grande importância a relação dos grupos com o palco. Pude perceber que quanto mais o público se aproxima do grupo a interação entre eles é mais intensa e contagiante, e o calor humano é sentido tanto pelo grupo quanto pelo público.

A interação é uma característica fundamental nas apresentações de cultura popular nas festas. Dançar ciranda de mãos dadas e olhar nos olhos das pessoas é fazer parte da brincadeira, assim como dançar o coco numa roda, ou assistir a apresentação do Cavalo Marinho e esperar a hora do cantador convidar para participar da brincadeira, ou até mesmo ouvir um repentista dialogando com o público. Essas formas de interação se encontram presentes em apresentações da cultura popular, e é importante observar que quanto mais baixo o palco, maior é a troca de energias entre o público e cantador, tocador e brincante.

No evento do São João, a separação dos palcos (Palco da Cultura Popular e Palco Principal) foi motivo de debate entre os mestres, e o que mais gerou indignação foi em relação ao local das apresentações, que afastou a cultura popular do cenário “principal” da festa, colocando-a na Praça Dom Adauto.

Como a divulgação estava concentrada no Ponto dos Cem Réis, muitas pessoas não sabiam da existência do palco da cultura popular. Essa falta de divulgação prejudicou muito a apresentação dos grupos populares e teve como consequência a pouca presença das pessoas, como foi o caso da Ciranda do Sol, que abriu o evento do São João, às 18hs.

É importante lembrar que o ano de 2010 foi o ano da copa do mundo, destacando também que o mês de junho é período de chuvas na capital. Levando em consideração esses

aspectos, é compreensível a falta de público no dia da apresentação do Mestre Mané Baixinho e a Ciranda do sol. Todavia, a FUNJOPE se realmente estivesse preocupada em fazer um “São João da gente”, teria um pouco mais de sensibilidade com os artistas e com quem vai prestigiar a festa.

Entendo que esses fatores negativos como problemas técnicos, no som, atrasos acontecem em qualquer produção no campo cultural. Mas o que percebi foi que quando a cultura popular está dentro do cenário cultural da cidade ela é o alvo principal de “sacrifício”, ou seja, na aparição de problemas ela é sempre prejudicada.

É neste sentido que eu me questiono o porquê será? Mais uma vez o horário e o espaço da cultura popular são sacrificados, ou são colocados em desvantagem e seus mestres e artistas são tratados de forma desrespeitosa.

Agora convido o leitor a ir comigo para a festa de São João da capital da Paraíba. Espero que a leitura dessa festa transmita os sentimentos angustiosos e emocionantes que tive durante a pesquisa e que gostaria de compartilhá-los.

Sexta-feira, dia 18 de junho de 2010, dia de muita chuva, às 18h na Praça Dom Adauto acontecerá a apresentação do grupo Ciranda do Sol do Mestre Mané Baixinho. A praça não é muito conhecida, pois eu mesma tive que pesquisar na internet e quando perguntei a algumas pessoas conhecidas, ninguém soube responder. Na rua as informações eram bem diferentes, algumas até engraçadas, uns diziam “é aquela praça lá da igreja”, outras: “é bem ali onde teve a Festa das Neves”, ou então: “é ali em frente a boate Vogue”, tinham umas que complicavam mais ainda: “menina, tu num sabe ali onde é aquela padaria, tu chega lá, desce em frente e aí tu pergunta que alguém vai te dizer, é ali pertinho.” Essas foram as várias informações que consegui para chegar até a praça. Depois eu soube que a praça Dom Adauto é mais conhecida por Praça do Bispo.

A princípio achei que a dificuldade para encontrá-la fosse dificultar a pesquisa, mas depois percebi que era mais um ingrediente para temperá-la. Em conversa com algumas pessoas, observei que a localização não foi um problema encontrado só por mim, mas por várias pessoas que queriam ver as apresentações e se perderam nos caminhos e nos horários, inclusive os próprios artistas.

Ouvi depoimentos de pessoas que me falaram que o lugar era muito esquisito e que já tinha sido assaltada por ali, outras não conseguiram achar, outras ainda falaram que ficava muito longe do Ponto dos Cem Réis e que ficava ruim de ir e depois perder a outra atração no outro palco. Uma mulher declarou que a festa na Praça Dom Adauto “está sem alegria” outro senhor que estava com um isopor vendendo refrigerante e água comentou em relação a falta

de público no palco da cultura popular “essa festa aí tá vazia, parada, eu vou é pro outro palco eu ganho mais lá, eu vim aqui porque gosto de ver”.

Quando eu estava indo encontrei com uma senhora, ela me disse: “Lá na praça está sem movimentação, não tem ninguém, eu vou embora pegar meu ônibus” ela voltava da Praça Dom Aduato e segurava na mão da filha descendo a rua para pegar o ônibus na lagoa²⁷.

Em uma conversa com Tina ela me falou em relação à Praça Dom Aduato: “esse lugar aqui é ruim demais, é muito distante, por isso não dá ninguém, queria ver se fosse lá no Cem Réis.”(Tina, em conversa informal, dia 18.06.2010)

Eu segui a minha jornada de acordo com as informações colhidas na rua, e consegui encontrar a Praça Dom Aduato. Quando cheguei à praça, ouvi a voz do mestre Mané baixinho cantando, a ciranda do sol já tinha começado. Aproximei-me do palco, tinham poucas pessoas, como podemos observar nas fotos acima. Fiquei com uma vergonha alheia, me senti muito mal com aquela situação, os brincantes estavam todos lindos, bem arrumados, com uma roupa nova feita especialmente para aquela ocasião, como me contou Tina, mas contavam-se nos dedos o público que estava ali para vê-los se apresentar.

Antes de começar a fotografar, fui logo dançar a ciranda para descontrair e me contagiar com a alegria do mestre, que mesmo com poucas pessoas para participar fez a brincadeira acontecer com um sorriso no rosto.

Logo que consegui extravasar o sentimento de “vergonha” que estava me incomodando, me retirei da roda para buscar elementos que enriquecessem a minha pesquisa. Neste momento, eu vi um homem que estava com uma blusa da produção, que vou chamá-lo de “Carlos”, nome fictício criado por mim para referir ao responsável pela produção da cultura popular no São João.

Fiquei lá fotografando e observando tudo ao meu redor. No momento que terminou uma das músicas, houve uma parada para água, mas cadê a água do grupo? Simplesmente não tinha água para o grupo, senhoras e crianças com sede. Quando vi aquelas senhoras cirandeiras pedindo água, fiquei inquieta porque não era possível que aquilo estivesse acontecendo. Mas a parada foi por alguns segundos e logo eles voltaram a cantar, porque disseram que água já estava chegando. Tiveram que engolir aquela situação literalmente “no seco”. Enquanto ser humano, esse fato me deixou inquieta e nesse momento não consegui ficar só observando, e participei agindo.

²⁷ Parque Solón de Lucena, mais conhecido por Lagoa, é um cartão postal do centro da cidade de João Pessoa. Lugar central onde circulam todos os ônibus da cidade.

Fui logo atrás de alguém da produção para ver o que tinha acontecido e porque estava faltando água para o grupo. Falei com Carlos, que me disse que a água já estava chegando. Perto dele havia mais duas mulheres, uma delas trabalhava com ele e outra ficou só assistindo. Quando parou a música, Tina, que estava cantando, pediu água e não só Tina, como também os brincantes que eram senhoras e senhores idosos com mais de 65 anos de idade e crianças com menos de 10 anos.

Junto com as duas mulheres que estavam com Carlos havia três garrafinhas de água mineral, cheias. Então me aproximei, elas foram logo falando:

- Essas garrafas são nossas, nós compramos.

Carlos - Ta chegando eu já pedi, é porque elas estão para o lado de lá. (apontou onde estava o palco principal, no ponto dos Cem Réis)

- Mas então porque não trouxeram essa água antes, não sabia que eles iam se apresentar?

Percebi que Carlos não gostou muito da minha indagação, mas naquele momento não fui muito racional, meu lado humano falou mais alto, eu já tinha comprado a “briga”, e sabia que talvez isso fosse um problema para a pesquisa, mas depois vi que essas situações enriqueceram a pesquisa. Carlos fez um sinal de reprovação, como se ele não tivesse gostado de me ver por ali, e principalmente agindo como eu agi.

Nos intervalos das músicas, tanto as cirandeiros (crianças e idosos) quanto os mestres se aproximavam e pediam água. Eu ainda perguntei mais uma vez:

“- Onde é que está essa água, que eu vou lá buscar.

Carlos retrucou:

- Você sabe dirigir? A água está do outro lado, já está chegando, o rapaz já foi buscar. Eles vão lanchar, tem lanche para eles. Quando acabar eles vão fazer um lanche.”

Apenas ouvi, balancei a cabeça já tentando racionalizar e amenizar a situação. Então me calei e comprei algumas garrafas de água, não tinha muito dinheiro então comprei umas 4 garrafinhas. Peguei os copinhos e distribuí para os que estavam com mais sede. Enquanto eu distribuía, percebi que Carlos não estava aprovando a minha atitude, mas eu não podia ficar neutra diante de tal situação.

Passou pouco tempo e a tão esperada água chegou, veio no carro. Tinham muitas garrafas de água, porém estavam quentes. Logo ele foi tirando e eu fui tentar ajudar, fui levando aos integrantes para facilitar o trabalho deles, pois só tinha 2 pessoas para ajudar a tirar as garrafas do carro, retirá-las do pacote, abri-las e colocá-las nos copos para os brincantes. Foi nesse momento que percebi o quanto Carlos tinha ficado chateado comigo,

pois simplesmente quando a moça me passou a garrafa e quando eu fui repassar para as cirandeiras, ele tomou a garrafa da minha mão e disse que não precisava de ajuda. Mestre Naldinho e Tina que estavam em cima do palco viram tudo e depois comentaram comigo. Eu me afastei, não esperava essa atitude, fiquei desconcertada e voltei a observar.

Foi nesse momento que pensei que essa minha reação tão impulsiva fosse prejudicar o desenvolvimento de minha pesquisa. Mas entendo que às vezes a pesquisa nos coloca em situações complicadas e que como um ser humano cheio de sentimentos, fica impossível controlá-los, se manter neutro diante de fatos como esses.

Então respirei fundo e tentei abstrair os fatos, me sentei no banco e fiquei observando. Passaram-se mais alguns minutos e acabou a apresentação. Assim que acabou fui logo falar com Tina e o mestre Naldinho, cumprimentei-os e perguntei logo o que eles tinham achado da apresentação. Tina foi logo falando:

“ Foi boa mas aqui não é bom, o ano passado era melhor. O lugar do ano passado foi bem melhor, tinha mais gente. E aqui está escondido e assim ninguém vai conhecer nosso trabalho.”

Mestre Naldinho também retrucou:

-“É porque ano passado a cultura popular tomou o público do palco principal, então eles pegaram e colocaram a cultura popular aqui para não acontecer a mesma coisa que aconteceu ano passado.”

O mestre Naldinho continuou falando:

“Eu vi quando ele tomou a garrafa de água da sua mão. É muita falta de respeito com a gente. É sempre assim.”

A conversa foi bem rápida porque o mestre Naldinho e Tina tinham que descer, pois depois, no mesmo palco, ia ter uma quadrilha para se apresentar e tinha que arrumar o palco e também já estavam chamando para lanchar. Descemos do palco, ajudei a levar os instrumentos, pois só estavam os dois e fomos para atrás do palco, onde serviam os lanches.

Quando desci do palco Carlos estavam distribuindo os lanches juntamente com uma mulher, então enquanto eu acompanhava Tina e Naldinho, eles se apressavam e falavam entre si “é vamos lá ver como estão distribuindo os lanches, se falta alguém receber o lanche”, o mestre olhou para mim e disse: “toda vez fica eu e Tina sem comer, porque sempre falta”.

Neste momento presenciei uma cena que foi vergonhosa, a sobrinha de Tina, Janyeli, que é uma criança, e que faz parte do grupo, estava lá para receber o lanche quando a mulher que estava entregando falou:

-“ Você já recebeu. Você deu a alguém?. Você deu a quem?”

Carlos retrucou:

- “Não é para dar, porque não tem.”

Tina logo se aproximou e perguntou a sobrinha:

“- Você deu a quem?”

A menina ficou sem graça, sem saber o que falar, apenas apontou o dedo para um rapaz que estava mais à frente com algumas cirandeiras. Janyeli ficou sem receber o lanche. Então Tina pegou o dela e deu a sobrinha.

Carlos ainda ficou resmungando e apontou para os dois rapazes que estavam comendo o lanche sentado junto com as cirandeiras, e que estavam sem a blusa do grupo. Tina ficou conversando com ele, e eu me afastei.

Após a conversa deles Tina me chamou e então ela desabafou:

Já perdi até a fome. Esse tipo de coisa é que me deixa irritada. É porque tem essas pessoas aí (apontou para os dois rapazes que estavam comendo) eles acompanham o grupo sabe, tem um deles mesmo o galego, ele acompanha as senhoras, é que o ônibus deixa a gente no lugar que tem uma pista pra atravessar, então ele ajuda elas a atravessar. Ai eu sempre coloco 30 pessoas na lista porque tem sempre aquelas pessoas que acompanha o grupo mas mesmo assim ainda falta. O pessoal vê que eles não estão com a blusa do grupo ai já implica.”(Tina)

Tina ficou mais uma vez sem lancha e completou “é assim mesmo, eu já estou acostumada com esse tipo de coisa”. Vale salientar que dentro da caixa de lanches ainda havia bastantes quantinhas. Mas não era autorizado pela produção.

O Grupo ficou pela Praça esperando o ônibus, e tinha uma senhora chamada dona Dorinha que ainda foi do tempo de mestre João grande, ela estava preocupada com o horário, pois não sabia de que horas o ônibus ia voltar para levá-los de volta para casa, “não é bom chegar lá tarde não, lá é perigoso, mas Tina falou que estava resolvendo, já tava ligando para o ônibus” disse Dorinha.

Depois voltamos a conversar eu e Tina, então perguntei como era o cachê e o transporte. Ela falou que o cachê é pouco para o grupo todo, e o ônibus foi providenciado e contratado pela produção. Então me despedi deles, pois tinha que ir e eles também já estavam partindo.

No dia 21/06 estava programado para ser o festival de quadrilhas no ponto dos Cem Réis, acontece que quando eu cheguei na Praça Dom Adauto, o local estava cercado com uma grade. Eu fiquei sem entender, e também tinha alguns seguranças ao redor das grades, isso a princípio inibiu um pouco a minha entrada no espaço.

Quando me informei sobre o motivo daquelas grades estarem ali, uma mulher da produção me disse: “o Festival de quadrilhas não vai ser mais no ponto dos Cem Réis, vai ser aqui agora. Então as grades têm que ficar aí, porque vão vir as torcidas dos grupos, mas amanhã mesmo elas vão sair daí, é só para o Festival de quadrilhas”.

Percebi que as quadrilhas foram mais privilegiadas em relação aos grupos. É importante destacar que em anos passados, existiam três espaços, um para o palco principal, outro para cultura popular e outro para os festivais de quadrilhas. Isso era muito bom porque quem queria ver a quadrilha ia para o Conventinho, lá tinha toda uma estrutura, com arquibancadas para o público. Quem queria ver um coco ou dançar ciranda ou até mesmo ouvir um repentista ia ao Largo de São Pedro, onde estava armado um palco para a cultura popular, e o palco principal com os shows da noite era na Antenor Navarro, todos os espaços muito próximos uns dos outros. Inclusive é válido lembrar que houve dias de ter mais pessoas dançando e suando no palco da cultura popular que no palco principal. Segundo alguns mestres, esse é o principal motivo da separação dos espaços esse ano.

O que interessa nesta pesquisa é o São João de 2010, e o que percebi foi uma grande exclusão das manifestações populares. Na apresentação do Boi- de –Reis do Mestre Pirralhinho havia pouquíssimas pessoas como podemos ver nas fotos que seguem no anexo. Percebi que a presença dessas grades diminuía a interação, pareciam que estava ali para separar: público e artista. E como se não bastassem as grades, o local e o horário inconvenientes, havia uns seguranças de preto, que ficavam andando ao redor da “cerca”. Se o local e o horário já não estavam muito favoráveis para a cultura popular, com as grades e os seguranças a situação ficava ainda pior, pois eles inibiam a aproximação do povo. Esses seguranças eram contratados pela prefeitura através de empresa de segurança privada.

Observei, e fiquei sem saber se podia entrar porque as pessoas estavam apoiadas na grade e sempre ao redor dela, não dentro. Nessa hora o “ser pesquisadora” me fez encarar situações, observar e agir quando achar necessário, é assim que soube que podia entrar fiz o papel de “indicadora da festa” falando para as pessoas que estavam se aproximando: podem entrar. Esse é um dos momentos bons da pesquisa, eu me senti mais estimulada para questionar, aquelas grades estavam ali, pensei logo que aquela situação não seria interessante para os grupos populares como o coco, a ciranda, os repentistas, os trios de forró.

Além da falta de água para o mestre Mané baixinho e seu grupo, tendo como brincantes senhoras e senhores idosos, algumas crianças, o “problema técnico” no microfone do mestre interferiu um pouco na apresentação. Esses são apenas alguns fatores observados

que contribuíram para que fosse comprovado esse tratamento diferenciado com a cultura popular.

O que achei interessante problematizar nesta festa é que tendo em vista a grande diversidade de manifestações artísticas que existe dentro da própria cultura popular, elas também passam pelo processo de hierarquização.

Dentro da própria cultura popular existem situações que colocam os seus produtores em um processo de diferenciação, como essas acima citadas. Como aconteceu com as quadrilhas e os grupos de cultura popular, que estavam na mesma programação cultural, no São João, dividindo os mesmos espaços. No entanto, o que me fez refletir, foi em relação a um “favorecimento” às quadrilhas. Mesmo estando em uma situação inferior ao palco principal, se apresentou com uma vantagem em relação à ciranda, ao coco, aos repentistas. O que vai colocar os sujeitos em um lugar “superior” ou “inferior” em relação aos outros grupos está relacionado com a questão econômica, cultural e simbólica.

Nesta pesquisa o autor Garcia Canclini que em de seus trabalhos, “ *As culturas populares no capitalismo*”, trata das “culturas das classes populares como resultado de uma apropriação desigual do capital cultural, a elaboração específica das suas condições de vida e a interação conflituosa com os setores hegemônicos”. (CANCLINI, 1983, p.12)

Num evento como o São João estão envolvidos interesses econômicos e políticos, partindo desta perspectiva é que compreendo o lugar ocupado pela cultura popular. As quadrilhas já fazem parte da programação cultural do Nordeste, assim como o coco e a ciranda, faz parte da identidade da festa de São João e tem uma maior visibilidade pela mídia. Dentro da programação dos horários elas têm maior influência tendo em vista que muitos dos produtores das quadrilhas possuem articulação com a política local.

Na atualidade as diferenças regionais ou setoriais, originadas pela heterogeneidade de experiências e pela divisão técnica e social do trabalho, são utilizadas pelas classes hegemônicas para obter uma apropriação privilegiada do patrimônio comum. Consagram-se como superiores certos bairros, objetos e saberes porque foram gerados pelos grupos dominantes, ou porque estes contam com a informação e a formação necessárias para compreendê-los e apreciá-los, quer dizer, para controlá-los melhor. (CANCLINI, 2008, p. 195)

Neste evento tendo fazer com que o leitor, assim como eu, reflita e veja que a cultura popular não é algo intocável, e homogêneo, assim como as outras diversas culturas existente e não está imune às lutas e disputas pelo poder dentro dos sistemas culturais.

É neste sentido que a cultura popular não pode ser vista de forma unívoca, homogênea. Marilena Chauí, Stuart Hall entre outros autores abordados neste trabalho remetem a

heterogeneidade das culturas populares. Nesta mesma perspectiva Garcia Canclini assinala a pluralidade dessas manifestações quando diz que “não existe cultura popular, mas culturas populares”. Neste sentido pensar a cultura no plural é vê-la como heterogênea, reconhecer a diversidade e as desigualdades dentro de um contexto socioeconômico, cultural e político.

3.2 A Festa das Neves

“Aqui e ali, por causa dos mais diversos motivos, eis que a cultura de que somos ator-parte interrompe a seqüência do correr dos dias da vida cotidiana e demarca os momentos de festejar” (BRANDÃO, 1989, pg.8).

A festa da Neves faz parte da cultura e da identidade de João Pessoa, tendo em vista que é nesta festa que se comemora o aniversário da capital e também se festeja a padroeira da cidade, Nossa Senhora das Neves.

Coriolano de Medeiros em seu livro de memórias *“Tambiá de minha infância”* descreve a importância da festa na história da cidade de João Pessoa.

Repetir que, no passado, escassas na capital paraibana eram as diversões públicas, faz-se desnecessário. De tempos em tempos, um circo de cavalinhos na atual praça Pedro Américo, uma companhia teatral de dramas e comédias, de operetas ou de mágicas, no teatrinho Santa Cruz, e nada mais. A festa esperada, ansiada estimada era a das Neves, com suas novenas pomposas, as suas bandeiras, as suas passeatas, as suas alvoradas, sua procissão imponente, sua deslumbrante parte profana. Economizava-se um ano inteiro para se gastar muito durante o novenário. (MEDEIROS, 1994, p. 57)

O cotidiano no centro é quebrado na medida em que a prefeitura lança uma programação cultural, juntamente com a igreja que faz a sua programação religiosa. Para muitos moradores da cidade de João Pessoa a Festa das Neves é uma tradição. A festa começa no fim de julho e vai até dia 05 de agosto, data do aniversário da cidade.

A festa movimentava os paraibanos, em especial os pessoenses, já que acontece na capital, transgredindo o ritmo rotineiro dos comerciantes. As Neves, como alguns chamam, atrai diversos públicos, com seus parques e suas rodas gigantes, maçãs do amor e poesias manifestadas em cordel e repentes, coco de roda e a ciranda, levam idosos e crianças, jovens, comerciantes, ambulantes e camelôs às ruas do centro de João Pessoa.

Em varias celebrações, os mesmos comportamentos e as mesmas relações entre as pessoas são exagerada: o que se come sempre come-se agora muito mais e em lugares cerimoniais, fora de casa; o que se bebe bebe-se muito mais e em nome de alguma coisa que mereça o gasto e a ressaca; o que se fala, canta e dança é enunciado por mais tempo e com mais prazer e vigor. (BRANDÃO, 1989, p.10)

Neste sentido é que se verifica que o sagrado e o profano estão entrelaçados. Rezas, orações, procissão fazem parte do sagrado, e o profano se manifesta na festa com a transgressão da rotina, somando-se a isso o consumo de bebidas que alteram o estado da normalidade física e psíquica, e permitem que as pessoas se sintam mais livres e mais felizes ao consumi-las em grande quantidade. Nesta perspectiva, ressalta Carlos Rodrigues Brandão, “essa parte profana da festa é tão indispensável quanto as outras duas. Não é errado, portanto, dizer-se que a festa é justamente essa bricolagem de ritos, folguedos e festejos de devoção e de pura e simples diversão.” (BRANDÃO, 1989, pg.15).

Percebi um grande número de pessoas embriagadas, com suas latinhas de cerveja ou garrafas de vinho ou cana (cachaça). O suor, a dança, a bebida, a música, o povo, os encontros e a diversão se misturam e quebram com o ritmo acelerado do trabalho, das obrigações e do tédio. Carlos Rodrigues Brandão ressalta “a festa se apossa da rotina e não rompe mas excede sua lógica, e é nisso que ela força as pessoas ao breve ofício ritual da transgressão” (BRANDÃO, 1989, pg. 9).

O “estar lá” presente no ponto dos Cem Réis e participando da festa me fez identificar um caráter mais “popular” da Festa das Neves. Nas ruas observei que muitos que estavam lá eram comerciantes e estavam saindo dos seus empregos, também moradores dos bairros mais próximos como Tambiá, Roger (Alto e Baixo), Jaguaribe, Cruz das Armas e outros.

A minha presença nos eventos anteriores me fez observar que a participação da cultura popular na Festa das Neves foi diferente do FENART e do São João. Depois das reivindicações dos mestres no Fórum Permanente de Cultura, houve mudanças em relação à participação da cultura popular nos eventos.

Neste capítulo é interessante fazer a descrição da Festa das Neves comparando-a com o FENART e com o São João, já que estes últimos trataram a cultura popular de modo desigual, deixando a cultura popular como um “tapa buracos” nos eventos.

O que foi observado durante a pesquisa e que foi se concretizando na Festa das Neves, é que quando a cultura popular está dentro do circuito da festa (na divulgação da programação, nos espaços e nos horários) de forma que todos possam saber onde encontrá-la, ela aglomera um público que interage compartilhando energias e fazendo da apresentação uma festa para o povo e pelo povo.

Na Festa das Neves, o tempo e o espaço foram favoráveis para que o público participasse das apresentações porque como os palcos estavam concentrados no mesmo espaço (Ponto dos Cem Réis), evitou-se que houvesse uma maior dispersão, como aconteceu no São João, que colocou o palco da cultura popular em outro espaço.

Na programação, as apresentações foram intercalando entre: palco principal e palco da cultura popular. Dessa forma foi possível perceber que existe um grande público que vai à festa para ver os shows do palco principal, e que gostam de prestigiar a cultura popular, eu vi muitas pessoas dançando, cantando ao redor do palco da cultura popular.

É importante lembrar que em anos anteriores, no São João do ano de 2008, por exemplo, quando ocuparam os mesmos horários e quando os palcos estavam no mesmo local, a cultura popular aglomerou mais pessoas que o palco principal. Inclusive essa é a justificativa que alguns mestres usam quando se referem ao São João do ano de 2010, que os colocaram na Praça Dom Adauto, separados do palco principal. O mestre Naldinho em relação a participação da cultura popular no São João disse:

O pessoal da FUNJOPE dessa vez separaram a cultura popular porque tava atraindo mais gente, no São João de 2008 mesmo, o palco da cultura popular ficou mais lotado enquanto no palco principal tinha pouca gente, é por isso que esse ano eles botaram a gente afastado, com medo de perder o público. (Mestre Naldinho)

A intenção dos mestres, além de divertir, “passando alegria para as pessoas” como fala o mestre Mané Baixinho, é divulgar o trabalho, conseguir se apresentar e ganhar um cachê considerável para o grupo todo, e além de tudo ter um reconhecimento cultural perante o Estado.

Para os mestre é muito gratificante quando há um público para prestigiá-los. Conforme fala Mestre Naldinho:

É muito bom quando a gente ver muitas pessoas na roda, dançando a ciranda de mãos dadas e cantando. E melhor ainda é quando a gente pode mostrar o nosso trabalho e quando as pessoas reconhecem, compram um cd, convida para uma apresentação ou apenas bate palmas quando acaba. (Mestre Naldinho)

É importante destacar que os mestres querem conseguir um espaço dentro desses eventos, mas não como foi no FENART e no São João, querem no mínimo um espaço digno de respeito, e igualdade nas relações. Isso não quer dizer que a Festa das Neves não tenha suas

falhas, mas foi uma festa em que a gestão que era responsável pela produção apresentou-se mais sensível e preocupada com a participação da cultura popular.

Percebi nas falas de muitos dos meus interlocutores que quando se referem à tradição, ela está relacionada à forma como os mestres mantêm a cultura viva, pela memória e oralidade, que se concretizam na transmissão de saberes perpassados de geração para geração. Tina em uma conversa informal numa roda²⁸ de capoeira no Ponto dos Cem Réis fala sobre a tradição:

Temos que manter a tradição, não posso deixar a cultura morrer, precisamos das crianças fazendo parte da brincadeira, para que depois ela possa levar o grupo adiante quando crescer, é assim na ciranda, é assim na capoeira e assim no cavalo marinho, é assim a tradição na cultura popular.

Neste trabalho a tradição é abordada de acordo com a concepção dos mestres que a contextualizam dentro de uma reprodução de costumes, que é passado de pai para filho, ou de mestre para discípulo, e que faz com que a cultura se mantenha viva. É o que eu ouvi muitas vezes de Tina e do mestre Naldinho. Na fala acima Tina ressalta a importância das crianças na cultura popular.

A principal questão deste trabalho é em relação a diferença, ou, como define Bourdieu, a “distinção” dentro da própria cultura, ou seja, onde dentro desse campo cultural são “definidos”, ou melhor, são “reservados” espaços, locais, para os determinados “tipos” de grupos. Na perspectiva de García Canclini “o patrimônio cultural funciona como recurso para reproduzir as diferenças entre os grupos sociais e a hegemonia dos que conseguem um acesso preferencial à produção e à distribuição dos bens” (CANCLINI, 2008, p. 196), é onde os setores dominantes tem o poder de definir quais os bens que devem ser superiores e conservados.

A ocupação desses “espaços” se faz a partir do contexto socioeconômico em que vivem os seus produtores. É neste contexto que o econômico e o simbólico se articulam no processo de desigualdade e diferença. A cultura popular é feita por quem mora na periferia ou por aqueles que vivem à margem da sociedade, em condições precárias e que sobrevivem com muita dificuldade dentro do sistema, como é o caso da grande maioria dos grupos de cultura popular.

Dentro deste contexto esses grupos vão ocupar um lugar inferior em relação às outras formas de cultura. Estas pessoas com sua cultura conceituada por “popular” na grande maioria, fazem parte de um sistema hierárquico e estão em situação de subordinação, como

²⁸ De 15 bem 15 dias, às 17h, nas quintas-feira, acontece uma roda de capoeira angola. Tina é a organizadora.

foi o caso dos grupos de cultura popular, como o Boi-de-Reis do mestre Pirralhinho no FENART.

A forma de inclusão, os horários e os espaços, o cachê, as ocasiões que são convidados para se apresentar mostram o modo pelo qual cada festa ou evento se distingue do outro. No caso da Festa das Neves que foi diferente dos eventos anteriormente falado,

Outro ponto importante a destacar que também contribui para a separação dentro da cultura trata do “capital cultural²⁹”, tema bastante abordado por Pierre Bordieu.

A minha preocupação neste trabalho é com a participação dos grupos de cultura popular no evento, faço essa análise a partir do grupo Ciranda do sol, que venho acompanhando desde o FENART e que participou do São João e agora está na programação da Festa das Neves.

A Festa das Neves, assim como o Fenart e o São João, faz parte do circuito cultural da cidade. Nesta perspectiva o meu objetivo é mostrar que quando a cultura popular é tratada com respeito e sem diferenças nas negociações, ela permite que a festa apresente uma programação mais diversificada e que as pessoas conheçam, encontrem e se identifiquem com as brincadeiras que fazem parte de seu universo, e que estão agregados a nossa identidade e realidade. A forma como é produzida, por quem é produzida e para quem é produzida é que vai caracterizá-la como cultura popular.

Na Festa das Neves, a cultura popular foi colocada dentro da programação, no Ponto dos Cem Réis, de modo que foi facilitada ao público a possibilidade de conhecer, prestigiar e valorizar outra forma de encarar, fazer e sobreviver da cultura.

É neste sentido que construo este capítulo comparando com os eventos anteriores. Considero importante fazer essa análise me baseando na fala e na concepção dos mestres e brincantes dos grupos, em especial daqueles que me relacionei mais intensamente, que foi o grupo Ciranda do sol do mestre Mané Baixinho.

3.2.1 Ocupando o mesmo lugar na festa: Palco dos cantadores no Ponto dos Cem Réis

Quando cheguei ao Ponto dos Cem Réis, observei que os dois palcos estavam montados, no mesmo espaço, um de frente para o outro, mas com algumas diferenças de fácil identificação. O palco principal é maior, e mais alto, tem um camarim coberto atrás, e dois

²⁹ Ver Pierre Bourdieu.

telões um do lado esquerdo e outro do lado direito, onde passam as imagens dos shows que acontecem neste palco, e os patrocinadores.

O palco da cultura popular é menor, fica embaixo de uma tenda, o espaço é em formato de círculo, e tem um pequeno palco onde ficam os “cantadores” e o contato com o público fica mais próximo, na medida em que a distância entre palco e público diminui. A estrutura é inferior em relação ao palco principal. Não possui camarim e os artistas tinham que se vestir atrás do palco.

Em conversa com Tina, ela levantou alguns problemas, que quem está de fora, observando e assistindo, dançando e brincando não percebe, mas quem está no palco fazendo a cantoria, a brincadeira, o repente, o coco, a ciranda pode apontar as “falhas” que são visíveis em alguns casos, e na maioria das vezes mascaradas e disfarçadas, para que enquanto públicos, enxerguemos tudo com otimismo e acreditando que a cultura popular está sendo valorizada.

Os problemas estruturam a minha pesquisa, por isso a necessidade de buscá-los quando não perceptíveis aos olhos. E nessas horas nada melhor do que dialogar com os participantes da festa: os cantadores, tocadores e o público.

Enquanto esperávamos começar a Ciranda do sol, eu e Tina caminhávamos pelo ponto dos Cem réis e conversamos sobre a festa e então ela me confessou:

É essa festa tá melhor, agora sim, colocaram a gente no lugar que o povo possa ver e participar, porquê o São João foi ruim demais. Dessa vez eles pelo menos botaram a gente aqui, e aqui as pessoas podem conhecer a brincadeira e participar também. Agora ta vendo ali (apontou para o Palco principal), olha ali atrás tem um camarim que é para o pessoal se arrumar e guardar as coisas, tem um lugar para o pessoal se organizar, agora aí é que tá, você já viu o nosso palco como é? (perguntou olhando para mim e mostrando o camarim atrás do Palco Principal). Eu não tô reclamando não, porque melhorou em comparação ao São João e ao Fenart, mas mesmo assim tem essas coisinhas que tem que melhorar mais ainda, devia ter um lugar pra gente também se organizar, você viu a apresentação dos grupos anteriores, não tem nem lugar para o pessoal se ajeitar, colocar as roupas, as figuras do cavalo marinho, mas está bom, pelo menos aqui fica mais fácil os mestres divulgarem o trabalho deles com a cultura. (Tina).

De fato a diferença em relação ao São João foi nítida principalmente em relação a presença do público, a quantidade de pessoas que estavam na hora da festa.

A mudança tanto na localização dos palcos quanto nos horários das apresentações ocorreu devido às reivindicações dos mestres nas reuniões³⁰ que aconteciam no último domingo de cada mês e somando a isso o interesse na nova gestão responsável pela cultura popular da funjope que trabalhou de uma forma mais favorável para os grupos e para a festa.

³⁰ Fórum Permanente de Cultura.

Foi interessante a forma como foram divididos os horários das apresentações, ora palco principal, ora palco da cultura popular, quando acabava um começava o outro. As apresentações eram intercaladas entre palco principal e palco da cultura popular. Dessa forma a festa se concentrou em um único espaço com todas as atrações acessíveis ao público, diferente do São João que colocou a cultura popular na Praça Dom Adauto.

Na Festa das Neves essa “inclusão” da cultura popular no cenário da festa possibilitou que as pessoas assistissem as atrações dos dois palcos sem precisar se deslocar de um lugar para outro, como aconteceu no São João.

Em conversa informal com o mestre Mané Baixinho em relação à mudança no local e no espaço, ele reconhece: “assim é bom né? Tem mais gente brincando, quando é mais tarde assim eu acho bom, porque fica melhor pra as pessoas vim, é bom porque o povo fica até mais tarde na brincadeira.” (Mané Baixinho)

É interessante salientar que o contato entre público e palco era maior no palco da cultura popular. A festa ficava mais animada quando o povo, os cantadores e os brincantes se encaravam, cantavam, respondiam, se tocavam e davam as mãos e suavam ao som de zabumbas, triângulos, pandeiros e caixa, vocal agudo ou grave, rimado em verso ou prosa, com elementos suficientes para fazer a festa ser completa de alegria, e de sinceridade.

No pequeno palco de madeira se instalavam os instrumentos, microfones e alguns cantadores que preferiam ficar em cima, e no chão o espaço era dos brincantes e das pessoas do público, também alguns cantadores, como o mestre Mané Baixinho, se misturavam com o povo e com as cirandeiras e formavam uma multidão saltitante. O contato entre tocador, cantor e povo era inevitável e assim a interação se faz parte das apresentações da cultura popular.

Registrei alguns momentos de interação, como foi na apresentação de repentistas e também nos cocos de roda e na ciranda. A interação a que me refiro não é necessariamente aquela que se comunica através da fala ou da conversa, entre cantor e público, mas aquela que se observa no olhar, no sorriso, no responder do coro, no bater dos pés dançando o coco, ou de mãos dadas na ciranda. No universo popular a interação passa pelo corpo, ritmo, música. Aconteceu um fato que fez perceber as várias formas de enxergar a interação. Vou contar-lo.

No dia da apresentação do cavalo marinho infantil do mestre João-do-boi, muitas crianças estavam participando da brincadeira. Um rapaz alto e branco, paulista, se aproximou de mim, como eu estava observando atentamente a apresentação ele olhou para mim e estava com o rosto vermelho e nos olhos as lágrimas escorriam. Ele começou a chorar. Eu fiquei

sem entender e esperei que ele falasse comigo, ele apenas falou: “Olhe essas criancinhas, que coisa mais linda, eu estou emocionado só de ver. Eu não sou daqui, venho de São Paulo e nunca vi uma coisa dessas, por favor tire foto dessa criancinhas elas são muito lindas” e saiu chorando.

Havia muitas pessoas, crianças, jovens adultos, idosos, e chegou até a concentrar mais gente do que o palco principal, isso é importante para perceber que não existem apenas diferenças entre cultura popular, indústria cultural, cultura erudita ou de elite, como alguns autores afirmam.

É necessário observar que quando colocados num mesmo cenário, horários, tempo e espaço públicos se misturam, e se percebe que a presença da cultura popular, de uma certa forma atrai tanto um público mais popular como também um pessoal mais jovens, pesquisadores, estrangeiros, e dessa forma intercalando com às “atrações principais”, ou do palco principal. Os Públicos se misturam.

Percebi que dependendo do que se festeja é que se pode identificar o caráter da festa. Geralmente as festas mais populares são as festas religiosas, sagrado e profano sempre entrelaçados, em João Pessoa estas festas são o São João e a Festa das Neves. Já o FENART, festival de arte, engloba todas as diversas manifestações artísticas nacionais, e neste caso, entra a indústria cultura, cultura popular e cultura erudita.

Concluo esse trabalho, que levando em consideração as mudanças no palco e no tempo, repercutiram na boa apresentação dos grupos de cultura popular, com uma grande concentração de pessoas no palco, e a satisfação do mestre, em ter trocado energias e compartilhado alegria. Para os mestres é gratificante ver a quantidade de pessoas brincando, “eu gosto de ver esse povo todo aí numa alegria só, porque é assim que é a nossa cultura, né?”, disse o mestre Mané Baixinho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas no decorrer da pesquisa enfatizaram a presença da cultura popular em três grandes eventos na cidade de João Pessoa: FENART, São João e Festa das Neves. O intuito foi apresentar e levantar questões a respeito da participação da cultura popular em tais eventos no ano de 2010.

A cultura popular se desenvolve nas camadas subalternas da sociedade, com a maioria de seus membros com baixa renda e pouca escolaridade. Os seus praticantes são considerados destituídos de cultura, tendo suas práticas desvalorizadas ou tratadas como cultura menor.

A pesquisa procurou demonstrar que as práticas culturais populares são determinadas pelo contexto social em que estão inseridas, ou seja, pelas necessidades e possibilidades próprias a seus atores e próprias à realidade em que se situam.

Ecléa Bosi, em *Cultura de massa e cultura popular*, discute a problemática em torno do conceito de cultura popular.

Existe uma cultura vivida e uma cultura a que os homens aspiram. Os psicólogos sociais forrados de uma visão ideológica de cultura falam em necessidade, privação, carência cultural. Representações e valores e agrupam em torno do eixo; adquirir cultura.

Seria a cultura um elemento de consumo, pois?

Ou é uma oposição e uma superação do natural, um desabrochar da pessoa na vida social?

A concepção de cultura como necessidade satisfeita pelo trabalho e instrução leva a atitudes que reificam, ou melhor, condenam a morte os objetos e as significações da cultura do povo porque impedem ao sujeito a expressão de sua própria classe. (BOSI, 1986:17).

A autora, atualizando o conceito de cultura, o encara não como um conjunto de conhecimentos a assimilar, mas como fruto de um esforço comum a todos “para compreender melhor o que se passa em volta de nós e explicar aos outros.” (BOSI, idem: 17).

O intuito deste trabalho foi focalizar a análise nas apresentações dos três grupos do Bairro dos Novais: Ciranda do Sol, do Mestre Mané Baixinho; Cavalinho Marinho Infantil do Mestre João; e o Boi-de-Reis Estrela do Norte, do Mestre Pirralhinho. Estes grupos também fazem parte do Centro Popular de Cultura (C.P.C.), também localizado no Bairro.

O Bairro dos Novais é um bairro pobre, com seus moradores de baixa renda, e se localiza na periferia da cidade. A violência é um fato na realidade de seus moradores. Todavia, o C.P.C. contribuía muito no Bairro dos Novais com o trabalho social que desenvolvia.

O C.P.C. foi fundado com o interesse de dar visibilidade aos grupos de cultura popular, especialmente os grupos do bairro dos Novais. Ele funcionava como uma espécie de vitrine, com a finalidade de expor o trabalho dos grupos com as apresentações e dessa forma divulgar para que surjam as contratações. Atualmente o C.P.C. encontra-se desativado, por motivos políticos e econômicos.

Na cidade de João Pessoa há muitos grupos populares, com seus mestres e folgedos, com seus costumes e tradição, e que continuam fazendo as suas brincadeiras na comunidade. Para manter o grupo, tendo em vista as condições financeiras dos mestres e integrantes, são muitas as despesas: manutenção dos instrumentos e espaços para ensaio, confecção das roupas, sapatos, equipamento de som, os bichos de armação (Cavalo Marinho), transporte, entre outras. Vale ressaltar que a grande maioria desses grupos não tem visibilidade dentro do Estado.

Não há quem patrocine os grupos dentro das comunidades e não há como os grupos se manterem e circularem. É neste sentido que considero de extrema importância a inclusão dos grupos de cultura popular dentro dos grandes eventos da cidade. Para os mestres a presença dos grupos nos eventos é uma forma de reconhecimento e valorização da cultura. Na concepção dos mestres, participando das festas é possível conhecer o trabalho desenvolvido por eles e assim vai surgindo outros convites e contratos para outras apresentações.

A intenção dos mestres, além de divertir “passando alegria para as pessoas” como diz o Mestre Mané Baixinho, é divulgar o trabalho, conseguir se apresentar e ganhar um cachê considerável para o grupo todo, e assim investir no grupo e ter um reconhecimento cultural perante o Estado.

O que foi observado durante as pesquisas de campo é que existe uma participação da cultura popular nos eventos da cidade, mas a o foco deste trabalho está relacionado com a forma como ela se encaixa na programação. A pesquisa foi desenvolvida a partir de minha participação nas festas e através das falas e do silêncio durante as conversas com alguns membros dos grupos.

O principal interesse reside em apontar como vêm sendo desenvolvidas as apresentações dos grupos e as condições sob as quais participam.

Foi a partir da análise do FENART que identifiquei ambigüidades na valorização da cultura popular: ao mesmo tempo em que a inclui na programação do evento, a colocam em subordinação às outras formas de manifestação cultural como a dança, o teatro, a música e o cinema.

A partir de minhas observações no FENART percebi que a cultura popular estava dentro do cenário cultural como um “tapa-buracos”, ocupando espaços e tempos vagos, e os seus produtores foram tratados de forma desigual. Os problemas que surgiam apenas sacrificavam o tempo, o horário e o espaço da cultura popular. A análise feita neste evento foi a existência de uma forma diferenciada de tratar a cultura popular. É uma distinção que se encontra presente nas práticas culturais das diferentes classes sociais.

Neste evento muitas questões foram levantadas e problematizadas neste evento, principalmente em relação à desigualdade mascarada pela diversidade cultural, mas nem todas as respostas foram encontradas, no entanto o que vale é colocá-las e fazer com que o leitor reflita sobre as diferenças que se encontram dentro do campo da cultura.

Em relação ao São João foi observado uma maior desvalorização da cultura popular, isso a partir da concepção dos mestres. A produção do evento colocou os grupos de cultura popular em outro espaço, separado do palco principal que é onde a festa se concentra, com as apresentações dos artistas da mídia. O que ocasionou na falta de público para prestigiar os artistas populares. Os palcos dividiram-se entre palco dos cantores e palco dos cantadores, segundo Tina.

Quando se separam os palcos, dividem-se tempo, espaço, local da apresentação e especialmente o público. A divulgação também não favoreceu aos artistas populares, foi feita apenas em favor dos artistas do palco principal.

É dessa forma que percebi que mais uma vez a desigualdade na forma de tratar a cultura popular e de encaixá-la em posição de subordinação em relação às quadrilhas, que possuem maior

A Festa das Neves me proporcionou uma visão mais otimista em relação a participação da cultura popular. O palco dos cantadores ficou no mesmo local do palco dos cantores, no Ponto dos Cem Réis. Dessa forma pode visualizar que quando a cultura popular divide o mesmo espaço, os horários, ela aglomera um público que interage compartilhando energias e fazendo da apresentação uma grande festa do povo.

Na programação da Festa das Neves as apresentações foram intercaladas entre palco principal e palco da cultura popular. Isso permitiu que o público se concentrasse em um único espaço e pudesse conhecer o trabalho dos mestres.

Minha tarefa neste trabalho foi trazer uma discussão em torno da participação da cultura popular dentro desses eventos realizados na capital no ano de 2010. Muitas questões nesta pesquisa ainda não encontram respostas, outras novas surgiram. No entanto a partir dos elementos do conjunto da pesquisa surgiu a proposta de desdobrar este estudo em uma tese de

doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia(PPGS) –UFPB. A proposta é dar continuidade a pesquisa de campo e aprofundar a análise no bairro e fazer um estudo comparativo entre as apresentações nas comunidades e nos grandes eventos da cidade. As sugestões da banca contribuirão para desenvolver melhor esse projeto.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AYALA, Marcos. **Perdas e danos**: cultura popular, repressão da diversidade e expropriação cultural. In: XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2003, João Pessoa. Anais eletrônicos - XXII Simpósio Nacional de História. João Pessoa: ANPUH-PB, 2003 (CD-ROM).

___ & AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura popular no Brasil**. São Paulo: Ática, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985 (Obras escolhidas, v. 1).

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BOSI, Alfredo (Org.). (1987) **Cultura brasileira**: temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leitura de operárias. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 1987.

_____. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

BURKE, Peter. (1989) **Cultura popular na idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer um trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v.10, n.1 jan /jun2007, p.11-27.

_____. **A cultura na rua**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

CARVALHO, José Jorge (2004). **Metamorfoses das tradições performáticas afro-brasileiras**: de patrimônio cultural a indústria do entretenimento. In: FUNARTE-IPHAN. *Celebrações e saberes da cultura popular*: pesquisa, inventário, crítica, perspectivas. Brasília: CNFCP, 2004. p. 65-83

_____. (2001) **O Olhar Etnográfico e a Voz Subalterna**, *Horizontes Antropológicos*, Vol. 15, 107-147, julho de 2001.

_____. (1992) **O Lugar da Cultura Tradicional na Sociedade Moderna**. Em: *Seminário Folclore e Cultura Popular. As Várias Faces de um Debate*. Rio de Janeiro: INF/Ibac, 1992: 23-38.

CASCUDO, Luis Câmara. (1978) **Literatura oral no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro, 1978.

CERTEAU, Michel de. (1998). **A invenção do cotidiano**. 1ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

CEVASCO, Maria Eliza. **As Dez Lições Sobre os Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Cortez, 2007.

DA MATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo, ou como ter o Antrophological blues**. In: Nunes, Edson de Oliveira (org.) **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Relativizando; uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____. **A casa e a Rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetada. In: **Cadernos de campo**, 13, ano 14, USP: 2005.

FLEURY, Laurent. **Sociologia da cultura e das práticas culturais**. São Paulo: Senac São Paulo, 2009.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

GEERTZ, Clifford. (1997). **O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, Antropologia e Política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia** 46 (2): 445-476.

GRAMSCI, Antonio. Observações sobre o folclore. In: **Literatura e vida nacional**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 183-190.

HALL, Stuart. (2003).. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. (2001). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4 ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

LOMBARDI SATRIANI, Luigi M. (1986) **Antropologia cultural e análise da cultura subalterna**. São Paulo: Hucitec, 1986.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 2 ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

MARTINS, José de Souza. **Caminhada no chão da noite**. São Paulo: Hucitec, 1989.

_____. (1993) **A chegada do estranho**. São Paulo: HUCITEC, 1993. (Col. Ciências Sociais, 32).

_____. (1992) **Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo**. São Paulo: HUCITEC; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano, 1992.

MATTOS, Fernando Luiz Rojo. **Vivendo nu paraíso: comunidade, corpo e amizade na colina do sol**. Tese de doutorado em CS, UERJ, 2005. Cap. 1 e 2.

MEDEIROS, Coroliano. (1994) **Tambá de Minha Infância – Sampaio**. João Pessoa: A União, 1994.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. *In: O trabalho do antropólogo*. Editora Unesp, São Paulo, 2006.

ORTIZ, Renato. (2005) **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. (1996) **A moderna tradição brasileira**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

PEIRANO, Marisa. A favor da etnografia. *In: A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PIRES, Flávia. Roteiro sentimental para o trabalho de campo. **Cadernos de Campo**. São Paulo: USP, 2010 (no prelo).

SIMMEL, Gerge. (2008) **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

____. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** Org. Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. *In:* NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VELHO, Otávio. Trabalhos de campos, antinomias e estradas de ferro. **Interseções.** V. 8, n.1, julho, p. 09-26.

XIDIEH, Oswaldo Elias. (1993) **Narrativas populares:** estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDU

____. (1972) **Semana Santa cabocla.** São Paulo: IEB/USP, 1972.SP, 1993.

APÊNDICE



FOTO 01- Mestre Naldinho e Tina no C.P.C (Centro Popular de Cultura)



FOTO 02- Mestre Mané Baixinho numa vivência do ENECOM(Encontro Nacional de estudantes de comunicação).



FOTO 03- Tocando no C.P.C.: Mestre Mane Baixinho, Mestre Naldinho e Tina.



FOTO 04- Tocando no C.P.C.: Mestre Mane Baixinho, Mestre Naldinho e Tina.



FOTO 05- Mestre Naldinho levando s estudantes para conhecer a Casa do Mestre João-do-boi, localizada no bairro dos Novais.



FOTO 06-Mestre Naldinho(à esquerda), Mestre Cirilo(à direita) e Mestre João.



FOTO 07- Tina, Mestre Naldinho, Mestre Cirilo e Mestre João na casa do Mestre João.



FOTO 08- Tina, Mestre Naldinho, Mestre Cirilo e Mestre João na casa do Mestre João.



FOTO 09- Tina, ensinando os passos do Cavalo Marinho.



FOTO 10-Tina brincando o Boi na casa do Mestre João.



FOTO 11-Tocadores do grupo Ciranda-do-Sol, no São João, dia 18.06.2010.



FOTO 12- Cirandeiras e Mestre Mané Baixinho. São João dia 18.06.2010



FOTO 13- Roda da Ciranda do Sol.



FOTO 14- Mestre Mane Baixinho informando à produção que o microfone falhou.



FOTO 15- Água fornecida aos tocadores.



FOTO 16- Espaço para as apresentações da cultura popular. Praça Dom Adauto, dia 18.06.2010.



FOTO 17- Grades colocadas ao redor do palco da cultura popular. Festa de São João dia 25.06.2010



FOTO 18- Espaço com um pequeno número de pessoas para assistir à apresentação do Mestre Pirralhinho.



FOTO 19- Dia 25.06.2010, lançamento do Cd de música do Cavalo Marinho e do Boi-de-Reis do bairro dos Novais, PB.



FOTO 20- Grades colocadas para o Festival de quadrilhas.



FOTO 21- Camila (pesquisadora) e Tina, após a apresentação do Boi-de-Reis Estrela do Norte.



FOTO 22- Na falta de Camarim o Grupo Cavalinho Infantil do Mestre João-do-boi, arrumando as crianças atrás do palco. Dia 27.06.2010



FOTO 23- Público(lado esquerdo) esperando começar a apresentação do Cavalo Marinho Infantil. Dia 27.06.2010.



FOTO 24- Dia 27.06.2010, público(lado direito).



FOTO 25-Cavalo Marinho Infantil do Mestre João-do-boi. Dia 27.06.2010



FOTO 26- Tina falando sobre o CD do Cavalo Marinho Infantil do Mestre João-do-boi. Dia 27.06.2010.



FOTO 27- Tocadores do Grupo Ciranda do Sol na festa das Neves, dia 31.07.2010.



FOTO 28- Cirandeiras e Mestre Mané Baixinho fazem a grande roda na festa das Neves. Dia 31.07.2010



FOTO 29- Público assistindo a ciranda do Sol.



FOTO 30- Interação entre grupo e Público, festa das Neves, dia 27.06.2010.



FOTO 31- Camila(pesquisadora) e Dorinha(cirandeira), festa das Neves, dia 31.07.2010.



FOTO 32- Espaço para apresentação da cultura popular. Dia 31.07.2010, grupo Cavalo Marinho do Mestre João-do-boi.



FOTO 33- Participação de Tina e do Mestre Naldinho na apresentação do Cavalo Marinho.



FOTO 34- Palco dos Cantadores. Dia 31.06.2010

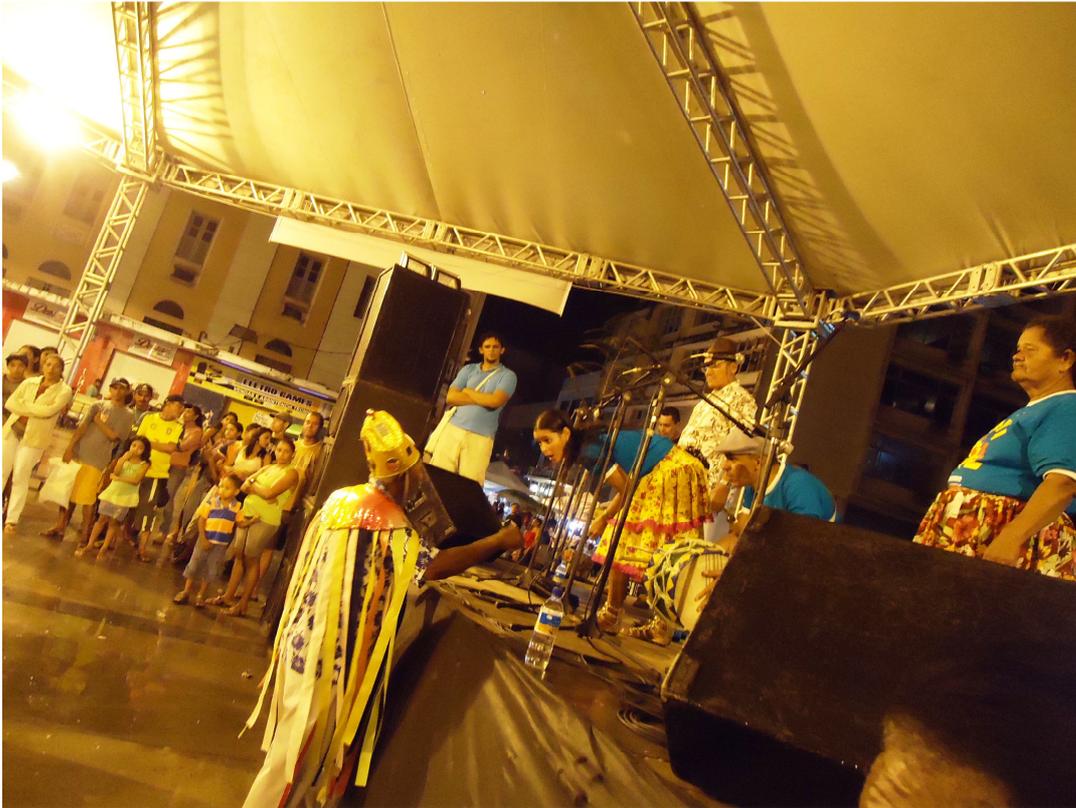


FOTO 35- Mestre João informando a seqüência da apresentação, pois faltaram os seus tocadores.



FOTO 36- Mestre João Brincando o Cavalo Marinho.

